

galeria

nara roesler

sp-arte
/2015

stand / booth G01

abraham palatnik
alberto baraya
alexandre arrechea
alice miceli
angelo venosa
antonio dias
athos bulcão
artur lescher
brígida baltar
bruno dunley
cao guimarães
carlito carvalhosa
cristina canale
daniel buren
eduardo coimbra
fábio miguez
hélio oiticica
isaac julien
josé patricio
julio le parc

karin lambrecht
laura vinci
lucia koch
marcelo silveira
marco maggi
marcos chaves
melanie smith
milton machado
o grivo
oscar oiwa
paul ramirez jonas
paulo bruscky
rené francisco
raul mourão
rodolpho parigi
sérgio sister
tomie ohtake
vik muniz
virginia de medeiros
xavier veilhan

www.nararoesler.com.br





Abraham Palatnik **Relevo progressivo** 1986
cartão duplex e madeira/duplex paperboard and wood
65,2 x 61,2 cm

Abraham Palatnik é um pioneiro da arte cinética, juntamente com Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez e Jesús Rafael Soto. Suas investigações nos campos da tecnologia, mobilidade e luz levaram a entendimentos inovadores dos fenômenos visuais, marcando a passagem entre arte moderna e contemporânea no Brasil. A inventividade dos seus trabalhos não apresenta paralelos nas suas experimentações com movimentos superficiais, aparatos cinéticos e relevos, ou no seu design de móveis.

Sua primeira máquina cinecromática, Azul e roxo em primeiro movimento, causou um impacto profundo na discussão sobre suportes entre o júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Ao invés de pintura ou escultura, Palatnik apresentou uma “pintura cinética ou máquina de pintar”, como costumava chamá-las, nas quais tecidos sintéticos, motores, luzes e a integração do espectador com o ambiente eram usados como elementos estruturais. Levando Mario Pedrosa a cunhar um novo termo em arte: cinecromático, essa foi a primeira tentativa, no Brasil, de criar uma arte utópica do futuro. Influenciado pela força da linguagem usada em trabalhos produzidos por pacientes hospitalares, o artista começou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica baseada no uso da luz e do movimento em um tempo-espço pictórico com a ajuda das mais recentes tecnologias. Ao longo dos anos, Palatnik criou mais de 33 aparelhos cinecromáticos expostos em sete edições da Bienal de São Paulo, de 1951 a 1963, bem como na Bienal de Veneza (1964) e na Bienal de Córdoba (1966). Com seus aparelhos cinecromáticos, o artista previu a corrente construtivista que emergiria com a criação do Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) e do Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) e que se estabeleceria com o Concretismo (1956) e o Neoconcretismo (1969).

Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, Bruxelas, Bélgica; entre outras.

Abraham Palatnik is a pioneer of kinetic art, alongside Julio Le Parc, Carlos Cruz Diez, and Jesus Soto. His investigations into technology, mobility, and light led to a groundbreaking understanding of visual phenomena, marking a passage between modern and contemporary art in Brazil. The inventiveness of his works remains unparalleled – be it through experimentations on surface movement, kinetic apparatuses, reliefs and even furniture design.

His first kinechromatic machine, Azul e roxo em primeiro movimento, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st São Paulo Biennial, in 1951. Instead of painting or sculpture, he presented a “kinetic painting or painting machine,” as he liked to call them – in which synthetic fabrics, motors, lights, and the spectator’s integration with the environment were used as structural elements. Causing Mario Pedrosa to coin a new term in art: kinechromatic, it was the first attempt, in Brazil, to create a utopian art of the future. In the late 1950s, Palatnik came in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital. Impacted by the potency of the language used in works produced by inpatients, from then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space with the aid of the latest technologies. Over the years, Palatnik has created more than 33 kinechromatic devices exhibited in seven editions of the São Paulo Biennial – from 1951 to 1963 –, as well as in the Venice (1964) and Cordoba (1966) biennials. With his kinechromatic devices, the artist anticipated the constructive current – which emerged with the creation of Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) and Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) and established itself with Concretism (1956) and Neo-Concretism (1969).

Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; as well as the collections of MoMA, New York, USA; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, in Brussels, Belgium, among others.



Alexandre Arrechea **Sun** (díptico/diptych) 2015
aquarela sobre papel/watercolor on paper -- 213 x 228 cm
direita/right image -- detalhe/detail

A obra de Alexandre Arrechea, fundador e membro (de 1991 a 2003) do coletivo artístico cubano Los Carpinteros, emprega metáforas visuais para temas sociais da atualidade como desigualdade, marginalização cultural e o polêmico lugar da arte numa sociedade globalizada e centrada na mídia. Assim como muitos artistas de sua geração, ele manipula símbolos e materiais de modo ambivalente, fazendo com que o espectador deixe a obra sem ter um ponto de vista específico.

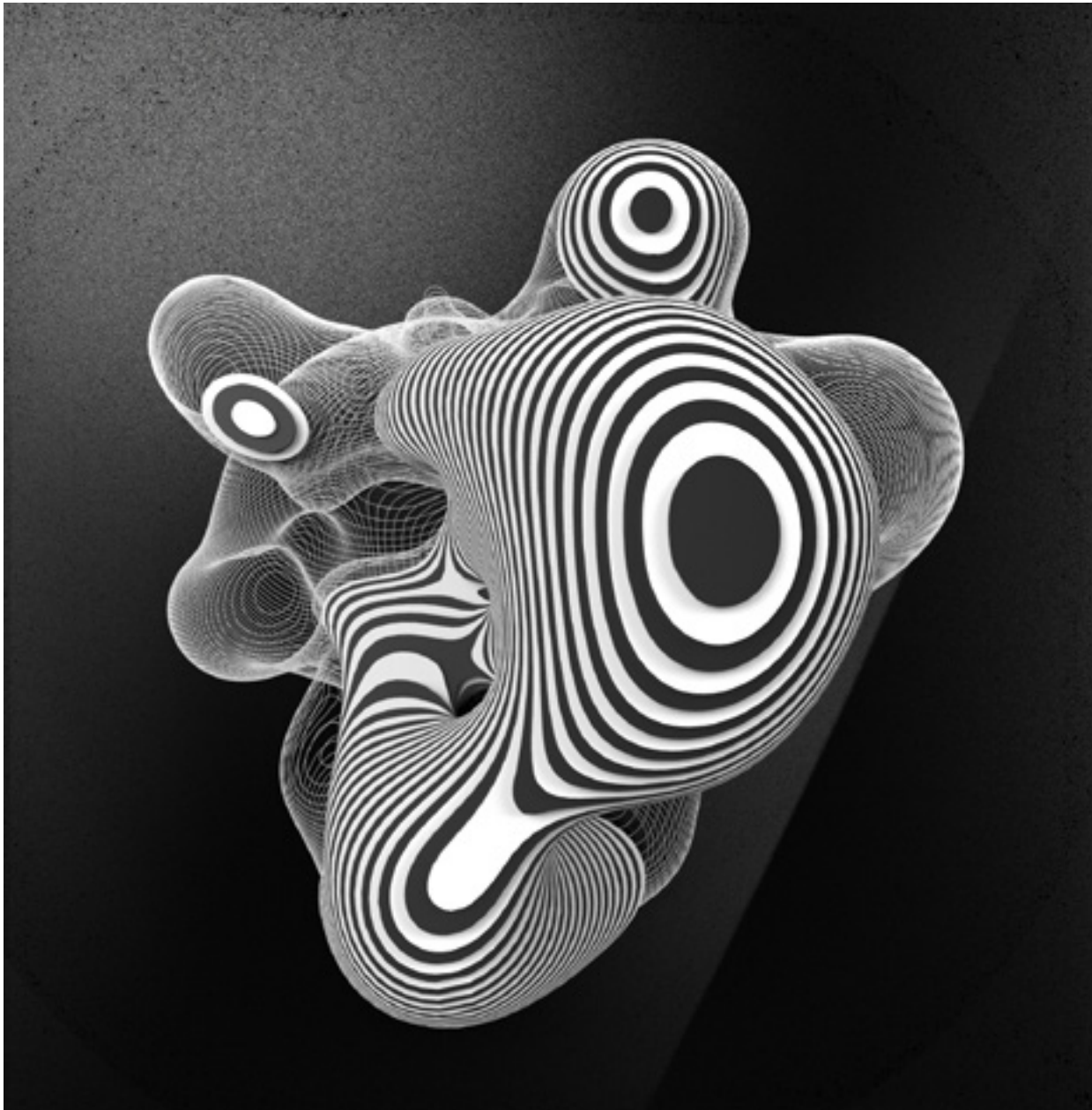
A disseminação dos sistemas de vigilância e a obsessão por controle existentes na atualidade foram uma grande fonte de inspiração para os trabalhos que o artista começou a realizar em 2003. Suas pesquisas sobre o tema o levaram a desenvolver uma produção que lida com perda de privacidade, fragilidade, memória e o fracasso do controle e do poder. Obras como "The Garden of Mistrust: (2003-2005)" e "Perpetual Free Entrance" (2006) se ocupam, até certo ponto, de problemas de acessibilidade ou abordagem relativos a obras de arte. Atualmente, seu interesse reside nos limites da obra de arte em si. Com este propósito em mente, ele criou uma instalação para a edição mais recente da Bienal de Havana. A obra consiste em uma casa de aço dividida em onze seções. A extensão das paredes ou a separação entre elas muda diariamente, dependendo das altas ou baixas do índice econômico Dow Jones.

Arrechea nasceu em Trinidad, Cuba em 1970. Formou-se no Instituto Superior de Arte (ISA) de Havana em 1994. Suas obras estão em museus e coleções particulares do mundo todo, entre eles: MoMA (Nova York, EUA); Pizzuti Collection (Columbus, EUA); Von Christerson Collection (Londres, Reino Unido); Kadist Art Foundation (São Francisco, EUA); Farber Collection (EUA); CAB (Burgos, Espanha); Museo del Barrio (Nova York, EUA); CIFO (Miami, EUA); Brooklyn Museum (Nova York, EUA); Miami (Flórida, EUA); Ellipse Foundation (Lisboa, Portugal); San Diego Museum of Art (San Diego, EUA); LACMA (Los Angeles, EUA); Martin Margulles Collection (Miami, EUA); Museo Nacional de Bellas Artes (Havana, Cuba); ASU Art Museum (Arizona, EUA); Museo Centro de Arte Contemporáneo Reina Sofia (Madri, Espanha); Daros Collection (Zurique, Suíça); Thyssen-Bornemisza Contemporary Art Foundation (Viena, Áustria); Cincinnati Museum of Contemporary Art (Cincinnati, EUA); entre outros.

A founding member (from 1991 through 2003) of the Cuban artist collective Los Carpinteros, the work of Alexandre Arrechea employs visual metaphors for ongoing social themes of inequality, cultural disenfranchisement, and the disputed position of art in a global, media driven society. Like many artists of his generation, he manipulates symbols and materials in an ambivalent manner, causing the viewer to leave the work with no specific point of view.

The prominence of surveillance systems and the accompanying obsession with control during our time has served as a key source for the work the artist began in 2003. Investigation into this issue led him to develop a production dealing with loss of privacy, fragility, memory, and the failure of control and power. Works such as "The Garden of Mistrust: (2003-2005)", and "Perpetual Free Entrance" (2006) deal, to some degree, with troubles of accessibility or approach to works of art. At present his interest resides in the limits of artwork itself. With that purpose in mind he created a particular installation for the last Havana Biennial. The work consists of a house of steel divided into eleven sections. The extension or separation between walls change daily, depending on the rise or fall of the Dow Jones index economy.

Arrechea was born in Trinidad, Cuba in 1970. He graduated from the "Instituto Superior de Arte (ISA)" in Havana in 1994. His works are housed in museums and private collections throughout the world, including: MoMA (New York, USA); Pizzuti Collection (Columbus, USA); the Von Christerson Collection (London, UK); Kadist Art Foundation (San Francisco, USA); the Farber Collection (USA); CAB (Burgos, Spain); Museo del Barrio (New York, USA); CIFO (Miami, USA); Brooklyn Museum (New York, USA); Museo de Arte de Miami (Florida, USA); Ellipse Foundation (Lisbon, Portugal); San Diego Museum of Art (San Diego, USA); LACMA (Los Angeles, USA); the Martin Margulles Collection (Miami, USA); Museo Nacional de Bellas Artes (Havana, Cuba); ASU Art Museum (Arizona, USA); Museo Centro de Arte Contemporáneo Reina Sofia (Madrid, Spain); Daros Collection (Zurich, Switzerland); Thyssen-Bornemisza Contemporary Art Foundation (Vienna, Austria); Cincinnati Museum of Contemporary Art (Cincinnati, USA); among others.



Angelo Venosa sem título/untitled 2014
acrílico e alumínio/acrylic and aluminum
100 x 100 cm

* maquete digital/digital render

Angelo Venosa é uma das poucas exceções da chamada Geração 80 que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Como parte de uma nova geração que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, sua obra é uma mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, resultando em figuras e formas de estruturas ósseas de animais, reais e imaginários.

Juntamente com Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) e João Magalhães (1945-), formou o Ateliê da Lapa entre 1984 e 1990. Durante esse período, produziu suas primeiras obras tridimensionais. A partir do início da década de 1990, o artista passou a usar materiais, como mármore, cera, chumbo e dentes de animais, executando trabalhos que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos. Suas esculturas e objetos carregam referências a eras ancestrais e surpreendem pela sua estranheza e natureza perturbadora.

Venosa participou da 19ª Bienal de São Paulo (1987), 45ª Bienal de Veneza (1993) e 5ª Bienal do Mercosul (2005). Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o homenageou com uma importante mostra individual para comemorar os 30 anos de sua trajetória artística. Essa mesma exposição foi posteriormente exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em abril de 2013, quando foi lançada uma publicação de suas obras, e seguindo, em 2014, para o Palácio das Artes, em Belo Horizonte e para o MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, em Recife.

Angelo Venosa is one of the few exceptions in what has been termed Geração 80 who is dedicated exclusively to sculpture rather than painting. Part of a young generation that revolted against the tradition of formalism in Brazil, his works are a mix of materials, genres, and historical movements, resulting in skeletal figures that reference the bones of animals, real and imaginary.

Together with Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) and João Magalhães (1945-), he formed the Ateliê da Lapa between 1984 and 1990. During this period, he produced his first three-dimensional works. From the start of the 1990s onwards, the artist has used materials such as marble, wax, lead and animal teeth, producing works that recall anatomical structures, such as vertebrae and bones. His sculptures and objects carry signs that refer to ancestral eras, surprising in their strangeness and disturbing character.

Venosa participated of the 19th São Paulo Biennial (1987), the 45th Venice Biennale (1993); and the 5th Mercosul Biennial (2005). In 2012, the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro granted him a major solo show to celebrate 30 years of artistic career. This same exhibition later followed to Pinacoteca do Estado de São Paulo (April 2013), where a publication on his works was launched. In 2014, this same individual traveled to the Palácio das Artes, in Belo Horizonte and later to MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, in Recife.

THE IMAGE



BIRD

Antonio Dias **Bird** 1971
acrílica sobre tela/acrylic on canvas -- 130 x 195 cm



Antonio Dias **Boundaries** 1988
acrílico e grafite sobre tela, madeira com esmalte/acrylic and graphite on canvas, enamel on wood
139 x 248 cm

No início da carreira de Antonio Dias, na década de 1960, sua obra era constituída de vinhetas políticas sardônicas na forma de esculturas moles, desenhos e montagens pertencentes ao neofiguratismo. Sua abordagem divertida e subversiva de erotismo, sexo e opressão política o levou a desenvolver uma obra singular e conceitual repleta de elegância formal, mas entrelaçada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte.

Em 1966, em meio ao golpe militar brasileiro, Dias deixou o Brasil rumo a Europa. Na década de 1970, estabeleceu-se em Milão e desenvolveu uma forte tendência a trabalhos conceituais, como a série "The Illustration of Art". No final da década de 60, a participação do público se tornou uma preocupação cada vez mais pungente, como na instalação de 1968, "Do it Yourself: Freedom Territory" e "The invented country (God-will-give days)", exibida na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, tendo o último sido adquirido em 2012 pelo MoMA. Em 1977, após uma viagem ao Nepal, seu trabalho tomou um novo rumo. O que começou como uma viagem para pesquisar diferentes tipos de papel, transformou-se em uma série de colaborações com fabricantes de papel locais de Barabishi, resultando em trabalhos como "Chapati for Seven Days" (1977) e "Niranjanirakhar" (1977). Durante a década de 1980, o artista voltou sua atenção mais uma vez para a pintura, fazendo experimentos com pigmentos metálicos e minerais, tais como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite, misturando-os com uma variedade de agentes aglutinantes.

Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções internacionais, tais como: MoMA, Nova York, EUA; Ludwig Museum, Colônia, Alemanha; Daros Collection, Zurique, Suíça; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique, Alemanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; e Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália, e renomadas coleções nacionais, tais como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; e Museu de Arte Contemporânea de Niterói/ Coleção Sattamini, Niterói.

Antonio Dias' early career, back in the 1960s, consisted of sardonic political vignettes in the form of soft sculptures, drawings, and assemblages belonging to Neo-Figurativism. His subversive approach to eroticism, sex, and political oppression, engendered him to construct a singular and conceptual oeuvre replete with formal elegance interwoven with political issues and poignant critiques relating to the system of art.

In 1966, in the midst of the military coup in Brazil, Dias left Brazil for Europe, later settling in Milan in the 1970s. The year 1970 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as "The Illustration of Art" series. In the end of the 1960s, audience participation became an increasing concern for the artist, as in the 1968 installation "Do it yourself: Freedom Territory" and "The Invented Country (God-Will-Give-Days)," featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010, the latter acquired by MoMA in 2012. In 1977, following a trip to Nepal, the artist's work took a new direction. What began as a voyage to research different types of paper, developed into a series of collaborations with native papermakers of Barabishi, resulting in works such as "Chapati for Seven Days" (1977) and "Niranjanirakhar" (1977). During the 1980s, Dias turned his attention once again to painting, experimenting with metallic and mineral pigments, such as gold, copper, iron oxide and graphite, mixing them with a variety of binding agents.

His works can be found in important international collections such as: MoMA, New York, USA; Ludwig Museum, Cologne, Germany; Daros Collection, Zurich, Switzerland; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munich, Germany; MALBA, Buenos Aires, Argentina; and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Italy and renowned Brazilian collections such as include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; and Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói.



Artur Lescher **Rio máquina** 2015
aço inox/stainless steel ed unique/unique ed
dimensões variáveis/variable dimensions

As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual.

Lescher ganhou reconhecimento após ter participado da 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, na qual apresentou Aerólitos, um trabalho composto de dois balões de 11 metros de comprimento, um no pavilhão da Bienal e outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, criou Indoor Landscape para a 25ª Bienal de São Paulo, dois módulos de formato regular instalados no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito dentro do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Recentemente, em 2013, participou do projeto Octógono com Inabsência: uma cúpula gigantesca, que descidia do teto do átrio, dialogando com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, autor do prédio construído em 1905.

Nascido em 1962 em São Paulo, onde atualmente vive e trabalha, Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Seus trabalhos integram importantes coleções, tais como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; Instituto Cultural Itaú, São Paulo, Brasil; Instituto Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea - MAC-USP, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; na Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colômbia; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, EUA; CIFO, Miami, EUA.

Artur Lescher's sculptures have always sought spatial situations where they intend to pass unnoticed as subtle interventions. His preference is for one-piece objects, suspended and subject to the force of gravity, creating a tension and relation between the work and the space around it. Using different materials such as metal, stone, wood, brass and copper, he evokes familiar shapes and forms that are removed from their usual function.

Lescher gained recognition after participating in the 19th São Paulo Biennial, in 1987, in which he presented Aerólitos, a work consisting of two 11-meter-long balloons, one inside the biennial pavilion and the other in the external area, both works conversing with one another. In 2002, he created Indoor Landscape for the 25th São Paulo Biennial, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water that create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. Recently in 2013, Lescher participated in projeto Octógono with Inabsência: an enormous dome descending from the atrium's ceiling, that dialogued with the initial Project by Ramos de Azevedo, architect of the building constructed in 1905.

Born in 1962 in São Paulo, where he lives and works, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the São Paulo Biennial and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, in Brazil. His works are included in major collections such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; Instituto Cultural Itaú, São Paulo, Brazil; Instituto Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brazil; Museu de Arte Contemporânea - MAC-USP, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colombia; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA; CIFO, Miami, USA.



Brígida Baltar **Flora do Sertão** 2008 -- terra do sertão sobre papel, caixas de madeira e carimbo/dust from sertão on paper, wood and stamp -- 200 x 300 cm



Brígida Baltar **Casa pássaro** 2012
madeira/wood -- 28 x 55 x 80 cm

Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida doméstica, como a água de goteiras escorrendo de pequenas rachaduras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes.

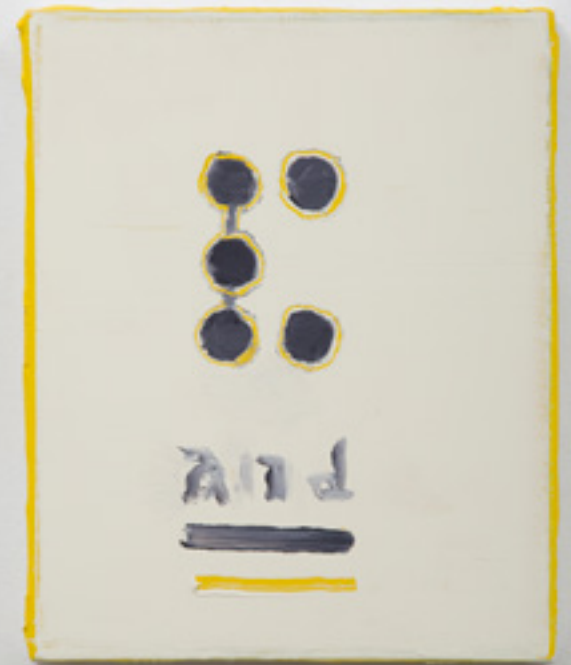
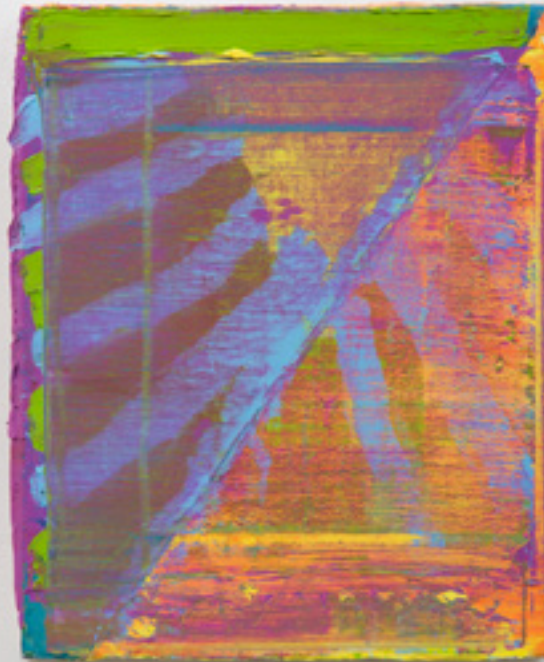
Em *Abrigo* (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a situação em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte inextricável da casa na qual habitava. As ações domésticas foram, subsequentemente, expandidas para o espaço da rua, originando obras tais como a série *Coletas*, orvalho e água do mar evaporada, uma tarefa conscientemente inexecutável de captar o intangível. Em 2005, antes de se mudar de casa permanentemente, Baltar juntou e levou consigo grandes quantidades de poeira fina coletada dos tijolos de barro firme. A poeira foi usada em trabalhos posteriores, resultando em desenhos de montanhas e florestas cariocas que, pelo fato de terem sido feitos com a poeira da casa na qual morava, são a afirmação de uma morada coletiva, e não descrições precisas de elevações do terreno e áreas florestadas. Ao invés de serem meramente desenhos com elementos naturais, a obra de Baltar sugere um espaço íntimo.

Brígida Baltar nasceu em 1959 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of Things – Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Seus trabalhos estão presentes nas coleções: *Colección Isabel y Agustín Coppel*, México D.F., México; *Museum of Contemporary Art*, Cleveland, EUA; *Fundação Joaquim Nabuco*, Recife, Brasil; *Middlesbrough Institute of Modern Art*, Middlesbrough, Inglaterra; *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*, São Paulo, Brasil; *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Brasil; *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, São Paulo, Brasil; entre outras.

Brígida Baltar began to develop her work in the 1990s, through small poetic gestures that took place around her home and studio, located in Botafogo, a borough in the south side of Rio de Janeiro. For nearly ten years, she gathered household substances such as raindrops percolating through subtle cracks in roofs, or reddish brown dust from clay bricks adorning her walls.

In *Abrigo*, (1996), the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon, transforming the situation into a symbiotic crossover; making her inextricable to the house she inhabits. These household actions were subsequently extended to the space of the street, giving way to bodies of work such as *Coletas* – dew and evaporated seawater –, in a knowingly unfeasible endeavor to capture the intangible. In 2005, before permanently moving from her house, Baltar gathered and carried with her large amounts of fine dust from those hard clay bricks, to later employ as materials in her subsequent works. These resulted in drawings of mountains and forests of Rio de Janeiro which, because they were made with brick dust from the house in which she lived, are more the affirmation of a collectively inhabited place, than accurate descriptions of terrain elevations and wooded areas. Rather than observational landscape drawings, Baltar's works come together to suggest an intimate space.

Brígida Baltar was born in 1959 in Rio de Janeiro, where she lives and works. Biennials include the 25th São Paulo Biennial (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things – Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de arte brasileira* (2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Her works are housed in collections such as: *Colección Isabel y Agustín Coppel*, Mexico D.F., Mexico; *Museum of Contemporary Art*, Cleveland, USA; *Fundação Joaquim Nabuco*, Recife, Brazil; *Middlesbrough Institute of Modern Art*, Middlesbrough, England; *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*, São Paulo, Brazil; *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Brazil; *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, São Paulo, Brazil; among others.



Bruno Dunley sem título/untitled 2014
óleo sobre tela/oil on canvas -- 30 x 24 cm cada/each



Bruno Dunley sem título/untitled 2014
óleo sobre tela/oil on canvas -- 30 x 24 cm cada/each

A obra de Bruno Dunley questiona a especificidade da pintura, particularmente no que diz respeito às relações entre representação e materialidade. Suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sofrendo correções que, às vezes, revelam lacunas na aparente continuidade da percepção.

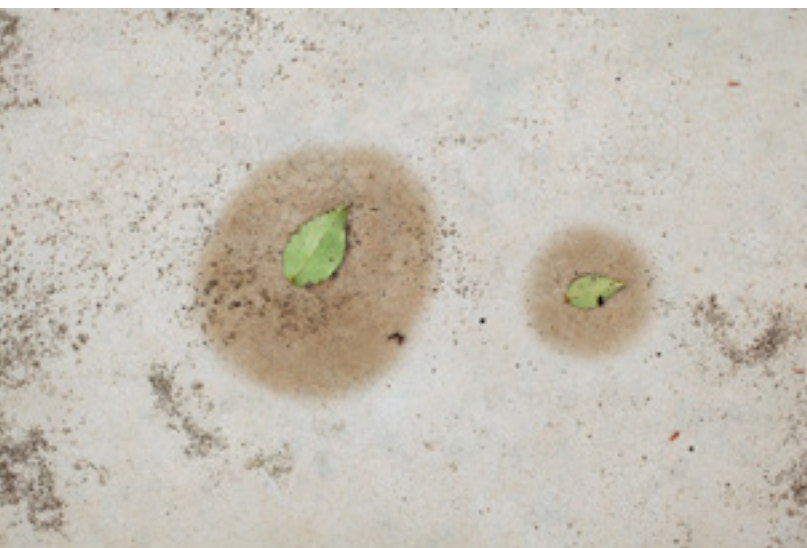
Inserido em uma nova geração de pintores brasileiros chamada 2000e8, Dunley parte tanto de imagens encontradas quanto de uma análise sobre a própria natureza da pintura, em que códigos de linguagem como o gesto, o plano, a superfície, e a representação, são entendidos como um alfabeto, uma superfície da escrita comum. Constantemente uma única cor predomina toda a superfície na pintura de Dunley, o que nos sugere uma linguagem visual minimalista, acarretando também uma qualidade meditativa a algumas de suas pinturas. Como enunciado, o artista vê seu “trabalho como uma série de perguntas e afirmações sobre as possibilidades da pintura, sobre o que é, e o que esperamos dela”. Nas pinturas de Dunley, promessas são feitas e consequentemente quebradas, testando os limites da tensão do observador. Noções preconcebidas sobre pintura e composição, no trabalho de Bruno Dunley, são incessantemente desafiadas de maneiras surpreendentes.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem as individuais *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley (11 Bis*, Paris, França, 2012); assim como as coletivas *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

The work of Bruno Dunley questions the specificity of painting, particularly in relation to representation and materiality. His paintings depart from carefully constructed compositions, gradually undergoing corrections and alterations which, at times, reveal the lacunae in the apparent continuity of perception.

Part of a new generation of Brazilian painters called 2000e8, Dunley begins both from found images as well as from the analysis of the nature of painting, in which language codes such as gesture, plane, surface, and representation are understood as an alphabet, a common ground. A single colour constantly predominates the entire surface of his canvases, suggesting a minimalist visual language and attributing a meditative quality to some of his paintings. As stated by the artist “I see my work as a series of questions and affirmations about the possibilities of painting, about its essence and our expectations of it.” In the work of Dunley, promises are made and consequently broken, testing the limits of the viewer’s tension. Preconceived notions of painting and composition, in the work of the artist, are incessantly challenged in surprising ways.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). He lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo shows *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley (11 Bis*, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



Cao Guimarães sem título, da série **Úmido**/untitled, from the series **Úmido** 2013
impressão digital sobre papel algodão/digital print on cotton paper
ed 1/5 + 2 AP -- 60 x 90 cm cada/each

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente situadas na fronteira entre filme e artes visuais. O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da sua série em andamento Gambiarras. Aqui, sua habilidade de improvisar dá origem a momentos de estranhamento que são capazes de reinventar nosso olhar sobre objetos e situações comuns.

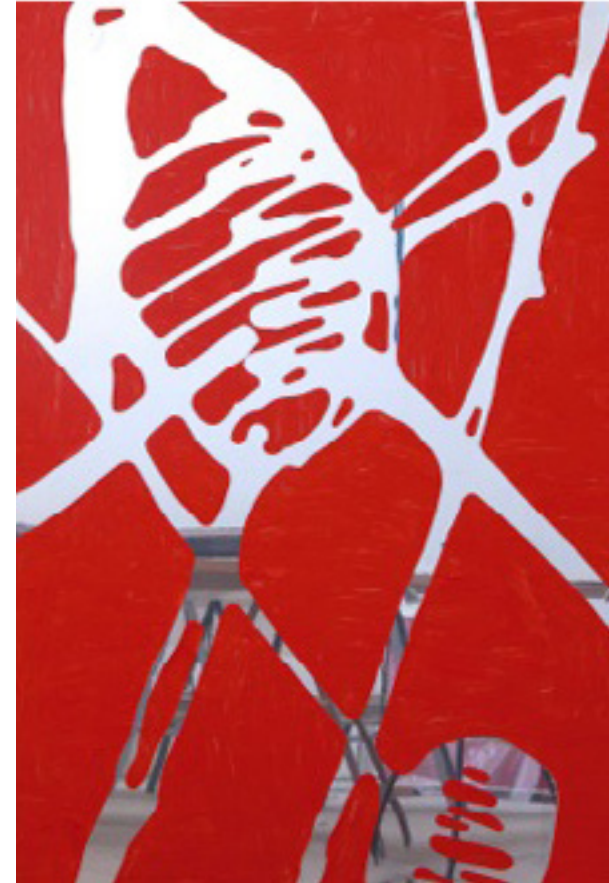
Seus filmes foram exibidos em festivais, tais como: Festival de Locarno (2004, 2006 e 2008), Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica di Venezia (2007); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), International Documentary Film Festival Amsterdam (2004); Sydney International Film Festival (2008); entre outros. Mais recentemente, seu longa-metragem, *Otto* (2012), recebeu o prêmio de Melhor Documentário Longa-Metragem, Melhor Fotografia e Melhor Trilha Sonora Original (para *O Grivo*) no 45º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O artista nasceu em Belo Horizonte, em 1965, onde vive e trabalha. Participou das 25ª e 27ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (2002 e 2006); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); da 6ª Bienal de Montreal, Canadá (2009); e da Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Shenzhen, China (2011). A obra de Guimarães está representada internacionalmente em museus e coleções privadas, incluindo: Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França; Tate Modern, Londres, Inglaterra; Walker Art Center, Minneapolis, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA; Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho, Brasil; entre outros.

The works of Cao Guimarães are expanded audiovisual pieces, often located at the border between film and visual arts. The artist also works closely with photography, as is the case in his ongoing series *Gambiarras*. Here, the ability to improvise gives rise to instances of strangeness that are capable of reinventing the way we look at commonplace objects and situations.

His films have been showcased in festivals such as: Festival de Locarno (2004, 2006, and 2008), Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica di Venezia (2007); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007, and 2008), International Documentary Film Festival Amsterdam (2004); Sydney International Film Festival (2008); among others. Most recently, Guimarães feature film *Otto* (2012), was recipient of the award for Best Feature Film Documentary, Best Photography, and Best Original Soundtrack (awarded to *O Grivo*) at the 45th Brasilia Film Festival.

The artist was born in 1965 in Belo Horizonte, where he lives and works. He featured in the 25th and 27th editions of the São Paulo Biennial, Brazil (2002 and 2006); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); the 6th Montreal Biennale, in Canada (2009); and the Biennial of Architecture and Urbanism in Shenzhen, China (2011). Guimarães is represented in museums and private collections around the world, including: Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, France; Tate Modern, London, England; Walker Art Center, Minneapolis, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; MoMA, New York, USA; San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, USA; Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho, Brazil; among others.



Carlito Carolhosa sem título/untitled 2015
óleo sobre alumínio/oil on aluminum
dimensões variáveis/variable dimensions

A forma como Carvalhosa manipula luz e espaço é ao mesmo tempo um ato de ocultamento e revelação. Nos anos 1980, participou do coletivo paulista Grupo Casa 7, juntamente com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, e como seus colegas, produziu pinturas em grande escala com ênfase no gesto pictórico. No entanto, recentemente, Carvalhosa expandiu sua prática artística para a escultura, empregando tecidos, espelhos e luzes para criar ambientes de experiência e participação.

Em 2011, Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro a ocupar o átrio do MoMA, Nova York, com sua instalação Sum of Days, uma estrutura feita de material translúcido que pendurada no teto formava um labirinto, ocultando o perímetro do espaço arquitetônico circundante e permitindo uma experiência de total imersão. Microfones foram distribuídos pelo interior da escultura que tocavam as gravações do barulho ambiente gravadas no dia anterior. Em 2013, Carvalhosa foi selecionado para inaugurar o novo espaço do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Ibirapuera, com Sala de espera, uma instalação composta de mais de setenta troncos de árvore de 12 metros de comprimento, originalmente usados como postes para a iluminação de ruas, que cortavam horizontalmente o prédio projetado por Niemeyer, transformando seu interior em esfera pública.

Nascido em São Paulo em 1961, Carlito Carvalhosa vive e trabalha no Rio de Janeiro. Suas obras fazem parte de coleções renomadas como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, todas no Brasil; e The Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA; entre outras.

Carvalhosa's manipulation of light and space is simultaneously an act of concealment and revelation. In the 1980s, he was a member of the São Paulo based collective Grupo Casa 7, alongside Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos, and Paulo Monteiro and like his colleagues, produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. Recently, however, Carvalhosa has expanded his practice to installation, employing fabric, mirrors, and lights to create experiential and participatory environments.

In 2011, he was the first Brazilian artist to occupy the atrium at MoMA with his installation Sum of Days. Consisting of a structure made of translucent material, hanging from the ceiling and forming a labyrinth, Sum of Days obscured the perimeter of its surrounding architectural space, allowing for an experience of total immersion. Microphones were distributed in the interior of the structure playing back recordings of ambient noise captured from the previous day. In 2013, Carvalhosa was selected to inaugurate the new space of the Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo with the site specific Sala de espera. An installation consisting of over forty posts, 12 meters in length and originally used as lamp posts for street lighting, Sala de espera horizontally cut the Niemeyer building, transforming an interior building into a public sphere.

Born in 1961 in São Paulo, Carlito Carvalhosa lives and works in Rio de Janeiro. His work is included in renowned collections such as Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, all in Brazil; and The Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, among others.



Cristina Canale **Itapuã** 2013
óleo sobre tela/oil on canvas -- 170 x 260 cm

A educação artística de Cristina Canale começou nos anos 1980 no Parque Lage, no Rio de Janeiro. No entanto, foi apenas quando viajou para Berlim, em meados dos anos 1990, que a artista afirmou seu estilo singular de pintura, revelando características únicas, notavelmente a forma na qual os elementos figurativos da suas composições estão sempre prestes a serem dissolvidos na abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo líquido, no qual alguns elementos reconhecíveis emergem entre campos de cor harmonicamente justapostos, apesar da variação de cor em cada pintura.

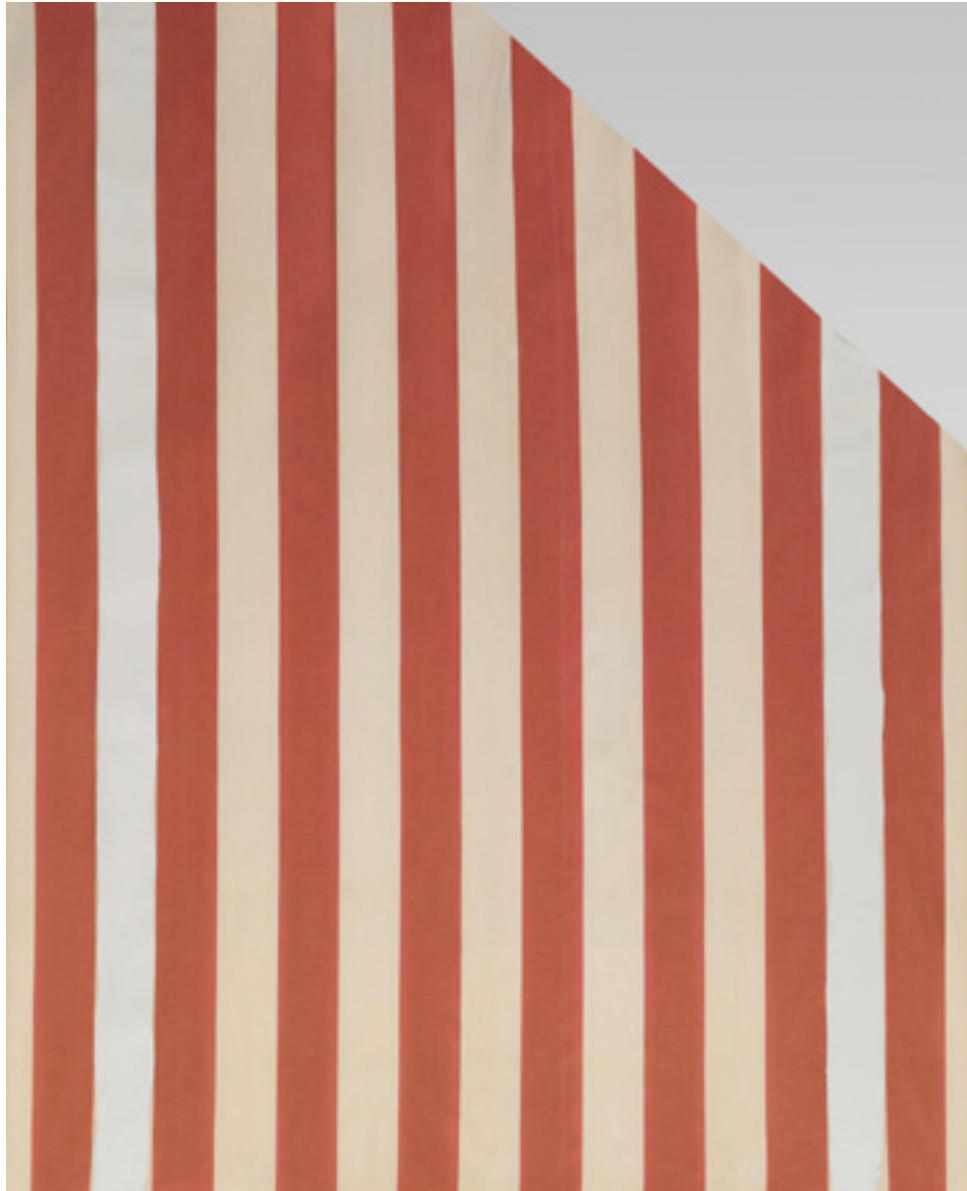
Após ter se estabelecido na cena artística brasileira como parte da Geração 80, juntamente com artistas como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise e Leda Catunda, a artista mudou-se para a Alemanha para estudar pintura na Kunstakademie Düsseldorf sob a supervisão do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Em vários aspectos, as pinturas de Canale carregam uma identidade dupla: nascidas da tradição brasileira da pintura, também incorporam a produção contemporânea alemã na pintura e além.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Participou da 21ª Bienal de São Paulo (1991); e da 6ª Bienal de Curitiba (2011). Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; entre outras, possuem obras suas.

Cristina Canale's artistic education began in the 1980s at Parque Lage, in Rio de Janeiro. However, it was only after she traveled to Berlin, in the mid 1990s, that she asserted her singular style of painting, revealing unique features, notably in the way in which figurative elements of the composition are always on the verge of impending dissolution into abstraction. Her landscapes seem to portray a liquid world, in which a few recognizable elements emerge between fields of color that are juxtaposed in harmonic fashion, despite the variation in color spectrum within each painting.

After establishing herself in the Brazilian scene as part of the Geração 80 alongside artists such as Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise, and Leda Catunda, the artist moved to Germany to study painting at the Kunstakademie Düsseldorf under the supervision of Dutch conceptual artist Jan Dibbets. In many ways, the paintings of Canale are twofold: borne of a Brazilian tradition of painting, they are also embedded within a contemporary German production in painting and beyond.

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in the 21st São Paulo Biennial (1991); and the 6th Curitiba Biennial (2011). Her works are housed in renowned Brazilian institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; and Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, among others.



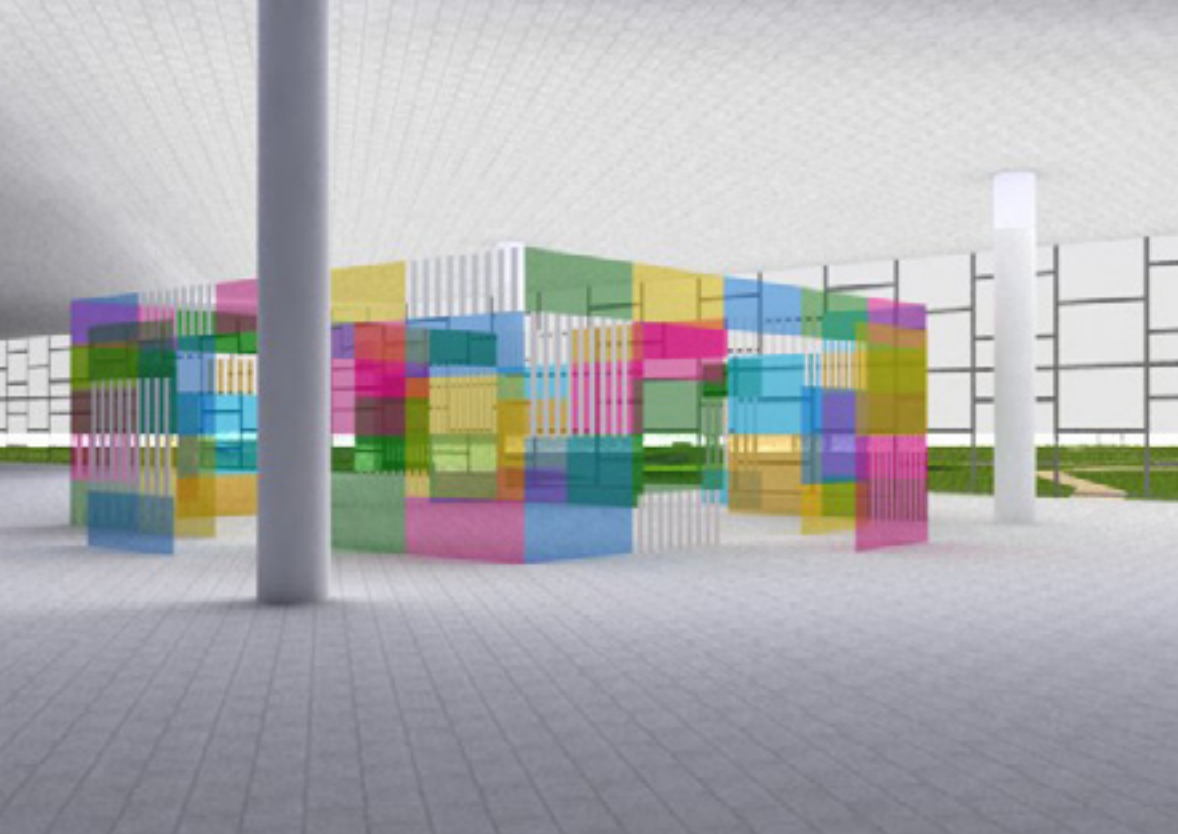
Daniel Buren
Peinture acrylique blanche sur tissu rayé blanc et rouge 1975
pintura sobre tela/painting on fabric -- 180 x 141 cm



Daniel Buren **Boîte à LED rayée pour monochrome blanc** 2014
tecido de fibra óptica, pintura branca, vinil autoadesivo,
caixa de metal e eletricidade/optical fiber fabric, white paint, adhesive v
inyl, metal case and electricity
252,3 x 252,3 cm (tecido/cloth) /
4,35 x 252,3 x 16,53 cm (barra de fixação/barre)



Daniel Buren
Cores, luz, projeção, sombras, transparência: obras in situ 2015
estrutura metálica, vinil adesivado, acrílico e espelho/
metallic structure, adhesive vinyl, acrylic and mirrors
200 x 200 x 50 cm



Daniel Buren **A cabana explodida** 2015
painéis de acrílico translúcido colorido, trabalho *in situ*/translucent acrylic panels, work *in situ* -- dimensões variáveis/variable dimensions

open plan, sp arte 2015

* maquete digital/digital render

Após estudar na Ecole des Métiers d'Art entre 1957 e 1960, seguido por um curto período na Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Daniel Buren conduziu uma série de experimentos que ficavam na fronteira entre pintura, escultura e cinema no início de sua carreira artística. Após seus primeiros trabalhos pictóricos em 1960, ele rapidamente seguiu para uma economia de meios que já revelava a neutralização do conteúdo ilusionista da pintura e sua indiferença com relação ao sujeito da narrativa, temas centrais em seu trabalho artístico. Em setembro de 1965 ele começou a utilizar material de cortinas listradas, cujos componentes se transformaram na base de sua sintaxe artística – listras verticais brancas e coloridas com 8,7 cm de largura alternadas. Este motivo manufaturado industrialmente foi a resposta perfeita ao seu desejo pela objetividade e permitiu com que ele acentuasse o impessoal de seu trabalho, embora, inicialmente, fosse utilizado apenas como apoio.

Após sua experiência com Olivier Mosset, Michel Parmentier e Niele Toroni, em 1966–67, fundado na repetição sistemática do mesmo motivo e na vontade de cada artista de realizar a 'última pintura' de sua própria forma, Buren começou a explorar as possibilidades do motivo listrado como signo, afastando-se da pintura-objeto e seguindo em direção ao que chama de 'utensílio visual'. Em novembro de 1967, ele começou a imprimir papel listrado. Posteres e papel pintado permitiam com que cobrisse superfícies muito variadas de forma praticamente infinita. A rua é um de seus locais favoritos até hoje. Ele inventou a noção do 'in situ' no campo de artes plásticas para caracterizar uma prática intrinsecamente ligada ao topológico e especificidade cultural dos locais em que o trabalho é apresentado.

Mudanças políticas nos anos 1980 permitiram com que ocupasse espaços públicos de forma menos transitória, e ele começou a produzir obras permanentes, a primeira, e talvez a mais celebrada, foi a Les Deux Plateaux (1985–1986) no Palais-Royale. Em 1986 ele venceu o Leone d'Oro na Bienal de Veneza pelo melhor pavilhão. Buren logo começou a focar a crescente influência da arquitetura (principalmente a arquitetura de museus) em sua arte. Ele começou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber trabalhos não apenas como objeto mas como uma modulação do espaço. Em 1975, veio seu primeiro Cabane Eclatée. Este momento foi uma virada e acentuou a interdependência entre a obra e o local em que ela está situada através de uma sutil jogada de construção e desconstrução. A obra transformou-se em seu próprio local e um local para movimento e para caminhar. Suas obras mais recentes ganham instrumentos de complexidade arquitetônica cada vez maior que dialogam constantemente com a arquitetura existente, e envolvem uma alteração do espaço, uma multiplicação lúdica de materiais (madeira, vinil, materiais plásticos, grades) e uma explosão de cor.

After studying at the Ecole des Métiers d'Art from 1957 to 1960, followed by a brief spell at the Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Daniel Buren conducted a series of experiments at the beginning of his artistic career that lay on the boundary between painting, sculpture and cinema. Following his first pictorial works in 1960, he moved rapidly towards an economy of means which already revealed a neutralization of the illusionistic content of painting and his indifference for the narrative subject, central themes in his work as an artist. In September 1965 he began to use a striped curtain material, the components of which became the basis of his artistic syntax – alternate white and coloured vertical stripes 8.7cm wide. This industrially manufactured motif responded perfectly to his desire for objectivity and enabled him to accentuate the impersonal nature of his work, even though initially it was only used as a support.

After his experience in 1966–67 with Olivier Mosset, Michel Parmentier and Niele Toroni, founded on the systematic repetition of the same motif and each artist's desire to realize the 'last painting' in their own way, Buren began to explore the possibilities of the striped motif as sign, moving away from the painting-object to what he called the 'visual utensil'. In November 1967, he began having striped paper printed. Posters and painted paper enabled him to cover very disparate surfaces in a virtually infinite series of ways. The street is one of his preferred spaces to this very day. He invented the notion of 'in situ' in the field of plastic arts in order to characterize a practice intrinsically bound up with the topological and cultural specificity of the places where the work is presented.

Political changes in the 1980s allowed him to occupy public spaces in a less fleeting fashion, and he began producing permanent works, the first and perhaps most celebrated of which is Les Deux Plateaux (1985–1986) at the Palais-Royale. In 1986 he was awarded the Leone d'Oro at the Venice Biennale for best pavilion. Buren soon began to focus on the rising influence of architecture (particularly museum architecture) in art. He began to produce more three-dimensional work and to conceive of work no longer as an object but as a modulation of space. In 1975 came his first Cabane Eclatée. This was something of a turning point and accentuated the interdependence between the work and where it is sited through a subtle play of construction and deconstruction. The work became its own site and a place for movement and for walking around. His more recent offerings are ever-increasingly complex architectural instruments that constantly dialogue with the existing architecture, and involve an alteration of space, a playful multiplication of materials (wood, vinyl, plastic materials, grids) and an explosion of colour.



Eduardo Coimbra -- **Fato Arquitetônico 1 e Fato Arquitetônico 2** 2015 -- mdf pintado/painted mdf -- 90 x 90 x 15 cm

Eduardo Coimbra é conhecido pelas suas instalações arquitetônicas site-specific com mídias variadas. Seus primeiros trabalhos usam objetos familiares resgatados do anonimato por meio de pequenos motores, luzes e máquinas elétricas.

Muitas vezes convidando a participação do público, a obra de Coimbra inclui paisagens surreais e construídas, bem como maquetes imaginativas e ecológicas feitas de pequenos objetos domésticos, lâmpadas fosforescentes, aço e ferro. "Nuvem" (2011), sua grande escultura pública, é composta de cinco caixas de luz quadradas, de 4,7 metros de altura e largura, com uma nuvem no centro e espelhos decorando as laterais. A escultura cria um portal surreal, convidando os espectadores a andarem pela instalação e vivenciarem o ambiente ao seu redor. "Paisagem" foi exibida na sua mostra individual no Museu da Pampulha em 2001. À primeira vista, a escultura parece um grande campo de grama, mas se dissolve em pequenos vasos individuais, como se o verde exuberante fosse pixels compondo a paisagem, permitindo que a vegetação invadisse o espaço interno do museu, revelando-se simultaneamente como imagem e matéria.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Algumas de suas mostras individuais recentes são: *Futebol no Campo Ampliado* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

Eduardo Coimbra is best known for his site-specific, mixed-media architectural installations. He first started making works where familiar objects were rescued from anonymity through the use of tiny motors, lights, and electrical machines.

Often inviting audience participation, Coimbra's works include surreal, constructed landscapes and imaginative, eco friendly maquettes made from small household objects, fluorescent lights, steel and iron. His large public sculpture "Nuvem" (2011), composed of five square boxes of light, 4.7 meters in height and length, with a photograph of a cloud at the center and mirrors adorning the lateral facets, created a surreal portal, inviting the viewers to walk around the installation and experience the environment anew. And on the other hand, "Paisagem" showcased in his solo show at Museu da Pampulha in 2011. At first, seemingly a large grass field, when seen up close dissolves into small individual pots. As if the lush greenery were pixels that composed the landscape, "Paisagem" allows the vegetation to invade the internal space of the museum, revealing itself as image and matter at the same time.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent solo shows include: *Futebol no Campo Ampliado* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).



Fábio Miguez **Lanças** 2015
óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 100 x 80 cm



Fábio Miguez **Partida** 2015
óleo e cera sobre linho/oil and wax on linen -- 100 x 80 cm

Fabio Miguez inicia sua carreira na década de 1980 quando, ao lado de Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, forma o ateliê Casa 7. Durante os anos 1990 começa a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, as séries de fotos Derivas, que são publicadas em 2013 com o nome Paisagem Zero.

Nos últimos anos, Miguez vem desenvolvendo trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação Onde, de 2006, o objeto Ping-pong, de 2008, e a série Valises produzida desde 2007, que expandem seu campo de pesquisa – a pintura. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que alia-se a investigações sobre a escala, a matéria e a figuração. Miguez lida com formas modulares, submetendo-as a um raciocínio combinatório, repetindo-as, e variando sua posição ao passo em que lhes opera inversões e espelhamentos. Nos seus trabalhos, a lógica espacial, que antes disso resolvia-se no plano e na profundidade da pintura, se expande na mente daquele que contempla essas pinturas, no irresistível pensamento sobre os desdobramentos possíveis.

Nascido em São Paulo em 1962, Fábio Miguez participou de bienais como a Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brasil, 1985 e 1989), a 2ª Bienal de Havana (Havana, Cuba, 1986), a 3ª Bienal Internacional de Pintura de Cuenca (Cuenca, Equador, 1991) e a 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil, 2005), além de mostras retrospectivas como Bienal Brasil Século XX (1994) e 30 x Bienal (2013), ambas promovidas pela Fundação Bienal de São Paulo.

Fabio Miguez began his artistic career in the 1980s when, alongside Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro, and Rodrigo Andrade, he founded the artist's space Casa 7. During the 1990s, he started to produce, parallel to his paintings, the series of photographs entitled Derivas, later published in 2013 with the name Paisagem Zero.

In recent years, Miguez has been developing three dimensional works, such as the installation Onde (2006) Ping-pong (2008), and Valises (2007), which expands his line of research and his medium of choice: painting. His degree in architecture brings to his work a constructivist influence that dialogues with concerns regarding scale, material, and figuration. The artist often deals with modular forms in relation to combinatorial logic, employing repetition and operations of inversions and mirroring. In his works, spatial logic, before restricted to the surface of painting, expands in the mind of the viewer, in the irresistible thought of possible un-foldings.

Born in São Paulo in 1962, Fábio Miguez participated of biennials such as: Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo, Brazil, 1985 and 1989), the 2nd Bienal de Havana (Havana, Cuba, 1986); the 3rd Bienal Internacional de Pintura de Cuenca (Cuenca, Equador, 1991), and the 5th Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brazil, 2005), in addition to retrospectives such as Bienal Brasil Século XX (1994) and 30 x Bienal (2013), both promoted by the Fundação Bienal de São Paulo.



Isaac Julien **Emerald City / Capital (Playtime)** 2013
fotografia em papel endura ultra, metacrilato/endura ultra photograph ed 5/6 + 1 AP -- 160 x 240 cm

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais.

Seu filme *Young soul rebels* (1991) ganhou o prêmio *Semaine de la Critique* no Festival de Cannes. Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes *The long road to Mazatlán* (1999) e *Vagabondia* (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, *Western Union: small boats* (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova York, EUA; *Galería Helga de Alvear*, Madri, Espanha; *Centre for Contemporary Arts*, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do *Brandhorst Museum*, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado *Derek*, que entrou no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra *Ten thousand waves* (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova York, Miami e Londres.

Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: MoMA, Nova York, EUA; LACMA, Los Angeles, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations.

His 1991 film *Young Soul Rebels* won the *Semaine de la Critique* prize at the Cannes Film Festival. Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films *The long road to Mazatlán* (1999) and *Vagabondia* (2000). His acclaimed 5-screen installation, *Western Union: small boats* (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; *Galería Helga de Alvear*, Madrid, Spain; *Centre for Contemporary Arts*, Warsaw, Poland; and is also in the *Museum Brandhorst* collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled *Derek*, which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film *Ten thousand waves* went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including cities such as Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: MoMA, New York, USA; LACMA, Los Angeles, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.



José Patrício
Acumulação progressiva crescente 2014
peças de quebra-cabeças de plástico sobre madeira/
plastic puzzle pieces on wood
179,5 x 179,5 cm



José Patrício
Acumulação progressiva decrescente 2014
peças de quebra-cabeças de plástico sobre madeira/
plastic puzzle pieces on wood
179,5 x 179,5 cm

O trabalho de José Patrício é fundamentado em combinações numéricas lógicas que criam uma experiência visual. Ele é mais conhecido pelas suas instalações de chão da série Ars combinatoria (1999), composta por milhares de peças de jogo de dominó. Quando vistas de longe, o desenho assume uma aparência quase de pintura ou tonal, que contrasta com o grafismo de cada peça.

Empregando materiais diversos, tais como dados, botões e pregos, o artista remove o uso tradicional desses materiais e os reorganiza em uma nova ordem que resulta em composições formais inusitadas. Influenciado pelos movimentos artísticos geométrico e concreto brasileiros (anunciados por Almir Mavignier), seus trabalhos enfatizam a relação frágil entre ordem e sua possível dissolução, sugerindo que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas tem o potencial de conter sua própria expressividade. Em 2012, Patrício foi convidado pela curadora Yuko Hasegawa para produzir, em Hong Kong, um trabalho site-specific para o ART HK Projects.

José Patrício nasceu em 1960, no Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 22ª Bienal de São Paulo (1994) e a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil; e a 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.

The foundations of the works by José Patrício lay in logical numerical combination to create a visual experience. He is best known for his floor installation Ars combinatoria (1999), composed of several domino piece sets. When viewed from afar, the pattern assumes an almost painterly, tonal, overall appearance which contrasts to the graphism of each individual domino piece.

Employing various materials, such as darts, buttons and nails, the artist removes the traditional usage of these materials and reassembles them in a new order that results in unexpected formal compositions. Influenced by the geometric and concrete art movements in Brazil (heralded by Almir Mavignier), his works emphasize the fragile relation between order and the possibility of its dissolution, suggesting that even the most rigid mathematical formula has the potential of containing its own expressivity. Most recently, Patrício was invited by curator Yuko Hasegawa to produce a site-specific installation in Hong Kong, for Art HK Projects in 2012.

José Patrício was born in 1960 in Recife, where he lives and works. He featured in biennials such as the 22nd São Paulo Biennial (1994) and the 3rd Mercosul Visual Arts Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil; and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). His work is included in the collections of Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, France; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brazil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brazil; among others.



Julio Le Parc **Sphère bleue** 2001 / 2013
placas azuis de acrílico translúcido de 15 x 15 cm, fios de aço, alumínio/blue translucent plexi, steel wires, aluminum -- Ø 430 cm

open plan, sp arte 2015



Nascido em 1928, em Mendoza, na Argentina, Julio Le Parc estudou na Escuela de Bellas Artes em Buenos Aires, em 1943. A exposição de Victor Vasarely em Buenos Aires, em 1958, foi um importante catalisador da partida de Le Parc para Paris naquele mesmo ano. Com uma bolsa de estudos, realizou trabalhos em colaboração com artistas colegas de Vasarely e cofundou o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV), em 1960. Enquanto as primeiras pinturas geométricas de Le Parc tiveram influência da tradição construtivista da Arte-Concreto Invención em Buenos Aires, os trabalhos criados logo após sua chegada em Paris também revelaram um crescente interesse pelo trabalho de Mondrian e Vasarely.

No início dos anos 1960, Le Parc passou a incorporar movimento e luz à sua pesquisa. Interessado nas possibilidades do movimento, e na participação do espectador, ele desenvolveu seus característicos ambientes de luz e esculturas cinéticas, que vieram a lhe trazer reconhecimento internacional enquanto um dos maiores expoentes da arte cinética. Representante da Argentina na Bienal de Veneza de 1966, Le Parc recebeu o Grande Prêmio Internacional de Pintura como artista individual. Apesar da dissolução do grupo em 1968, continuou a trabalhar tanto como artista individual quanto como integrante de coletivos internacionais, particularmente dos que estavam envolvidos na denúncia política de regimes totalitários.

As obras de Le Parc ganharam diversas exposições individuais na Europa e na América Latina, em locais como o Instituto di Tella (Buenos Aires), o Museo de Arte Moderno (Caracas), o Palacio de Bellas Artes (México), a Casa de las Americas (Havana), o Moderna Museet (Estocolmo), Daros (Zurique), Städtische Kunsthalle (Dusseldorf). Além disso, integraram muitas outras exposições coletivas e bienais, entre as quais estão a polêmica *The Responsive Eye* (1965), no MoMA, em Nova York, a Bienal de Veneza, em 1966 (na qual recebeu o Prêmio), e Bienal de São Paulo (1967). Em protesto contra o regime militar repressor no Brasil, Le Parc se juntou a outros artistas no boicote à Bienal de São Paulo de 1969 e publicou o catálogo alternativo *Contrabiennial*, em 1971. As obras coletivas realizadas posteriormente por Le Parc incluem a participação em movimentos antifascistas no Chile, em El Salvador e na Nicarágua. Mais recentemente, a obra de Le Parc foi objeto de grandes retrospectivas como *Julio Le Parc* (Serpentine Gallery, Londres, Reino Unido, 2014); *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, França, 2013); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil, 2013; MALBA, Buenos Aires, Argentina, 2014); *Uma busca contínua* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e apresentada na exposição coletiva *Dynamo* (Grand Palais, Paris, França).

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc attended the Escuela de Bellas Artes in Buenos Aires in 1943. Victor Vasarely's 1958 exhibition in Buenos Aires became an important catalyst for Le Parc's departure for Paris that year. Awarded a scholarship to study in Paris, he pursued collaborative work with fellow artist friends of Vasarely and co-founded the Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) in 1960. While Le Parc's early geometric paintings were first informed by the Constructivist tradition of Arte-Concreto Invención in Buenos Aires, works produced soon after his arrival in Paris also reflect a growing interest in the work of Mondrian and Vasarely.

By early 1960s, Le Parc began incorporating movement and light into his research. Interested in the possibilities of movement, and the participation of the viewer, he developed his signature kinetic sculptures and light environments, which would ultimately bring him international recognition as a leading exponent of Kinetic Art. Representing Argentina at the 1966 Venice Biennale, he won the Grand International Prize for Painting as an individual artist. Although the group dissolved in 1968, Le Parc continued to work simultaneously as an individual artist and as part of international collectives, particularly those involved in politically denouncing totalitarian regimes.

Le Parc's works have been the subject of numerous solo shows in Europe and Latin America, including Instituto di Tella (Buenos Aires), Museo de Arte Moderno (Caracas), Palacio de Bellas Artes (Mexico), Casa de las Americas (Havana), Moderna Museet (Stockholm), Daros (Zürich), Städtische Kunsthalle (Düsseldorf). Le Parc's works have also been included in numerous group exhibitions and biennials, including MoMA's controversial exhibition *The Responsive Eye* (1965), the Venice Biennale in 1966 (where he was awarded the Prize), and the São Paulo Biennial (1967). As acts of protest against the repressive military regime in Brazil, he joined artists in boycotting the 1969 São Paulo Biennial and published an alternative *Contrabiennial* catalogue in 1971. Le Parc's later collective works included participation in anti-fascist movements in Chile, El Salvador and Nicaragua. Recently, he has been the subject of major retrospectives including *Julio Le Parc* (Serpentine Gallery, London, UK, 2014); *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, France); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brazil; MALBA, Buenos Aires, Argentina, 2014); *A constant quest* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil); and included in the group exhibition *Dynamo* (Grand Palais, Paris, France).



Karin Lambrecht **Constelação de Nós** 2015 -- pigmentos em meio acrílico, carvão (escritos), marcação de sombreado de pedras sobre lona/
pigments in acrylic medium, charcoal (writings), stone markings on linen -- 180 x 190 cm

Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, produzidos pela própria artista, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruces, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas, que emergem das camadas de tinta, sugerindo doença, morte e cura.

Em 2001, Lambrecht produziu *Eu e você*, um “ato de pintura” realizado em Bagé, um pequeno município no sul do Rio Grande do Sul. A artista acompanha o trabalho de um corneador que abate o cordeiro como num rito judaico e deixou que o sangue do animal escorresse para as superfícies brancas do seu vestido e tela, como tinta para sua pintura. O trabalho foi considerado finalizado no momento em que o animal finalmente sucumbiu à morte.

Karin Lambrecht nasceu em 1957, em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Participou das 18ª, 19ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005), todas no Brasil. Sua obra está presente nas coleções do Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, entre outras.

Working within the expanded field of painting and sculpture, Karin Lambrecht's work embodies the gestural abstraction of her 1980s generation while referencing Arte Povera and Joseph Beuys. Using vibrant pigments, produced by the artist herself, she applies broad, gestural brushstrokes to hand-stitched frameless, torn, and burned canvases, sometimes incorporating organic materials such as animal blood, charcoal, rainwater, and earth. Her recurring motifs include crosses, the human body, and handwritten or stamped enigmatic words that emerge from layers of paint evoking illness, death, and cure.

In 2001, Lambrecht produced *Eu e você*, an “action painting” performed in Bagé, a small village in the state of Rio Grande do Sul. Slitting the neck of a lamb, Lambrecht allowed the animal's blood to flow onto the white surfaces of her dress and canvas, as paint for her surfaces. The painting was considered finalized, the moment the lamb finally succumbed to death.

Karin Lambrecht was born in 1957 in Porto Alegre, where she lives and works. She featured in the 18th, 19th, and 25th editions of the São Paulo Biennial (1985, 1987, and 2002) and in the 5th Mercosul Biennial (2005), all in Brazil. Her works are included in the collections of the Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil; the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, among others.



Laura Vinci **Papel Avulso** 2015 -- Tyvek A3, fio de aço e 4 ventiladores/tyvek, steel wire and 4 fans -- dimensões variadas/variable dimensions

*imagem de referência/reference image

A prática artística de Laura Vinci inclui, primariamente, esculturas de grande porte e instalações. Os seus trabalhos são intervenções em espaços públicos e privados e insistem que os espectadores se tornem participantes do seu trabalho. Seja pendurando teias de luzes no teto, enchendo o chão de maçãs, congelando a sala de exposição ou conectando uma rede de bacias de mármore com água, a artista se interessa pela transformação, pela construção de um ambiente onde a mudança acontece diante dos olhos do espectador.

Em “Máquina do Mundo” (2005), em exibição em Inhotim, Vinci instalou dois montes de pó de mármore nas extremidades de uma correia montadora. Conforme os grãos da poeira são transportados pela galeria, criam um contexto inteiramente novo para um meio que tem sido usado em escultura desde a Grécia Antiga, tornando o processo, a mudança, a transição mais importantes do que a estabilidade de um objeto estático.

Laura Vinci nasceu em 1962, em São Paulo, onde vive e trabalha. Entre suas exposições individuais recentes estão: *Papéis Avulsos* (ArtCenter/ South Florida, Miami, EUA, 2014); *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2013); *Por enquanto* (Galeria Marcelo Guarnieri, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); e *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal, 2010). Participou da 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004); das 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009); e da 10ª Bienal Internacional de Cuenca, Equador (2009). Possui obras em acervos como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; do Inhotim, Brumadinho, Brasil; do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Palazzo delle Papesse, Siena, Itália.

The practice of Laura Vinci includes, primarily, large-scale sculpture and installation. Her works stage interventions in spaces both public and private, and insist viewers to become participants of the work. Whether hanging netted lights from the ceiling, filling the floor with apples, freezing up an exhibiting room, or connecting a network of heated marble pools of water, she is interested in transformation; in constructing an environment where change happens before the viewer's eyes.

In “Machine of the World” (2005), on view in Inhotim, Vinci places two mounds of marble dust on either side of a conveyor belt. As the grains are moved across the gallery, they create an entirely new context for a medium that has been used in sculpture since Ancient Greece, making the process, the change, and transition more important than the stableness of a static object.

Laura Vinci was born in 1962 in São Paulo, where she lives and works. Recent solo shows include: *Papéis Avulsos* (Art Center/South Florida, Miami, USA, 2014); *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2013); *Por enquanto* (Galeria Marcelo Guarnieri, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); and *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisbon, Portugal, 2010). She participated in the 26th Bienal de São Paulo, Brazil (2004); the 2nd, 5th, and 7th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2009); and the 10th Cuenca International Biennial, in Ecuador (2009). Her works are included in the collections of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Inhotim, Brumadinho, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Palazzo delle Papesse, Siena, Italy.



Lucia Koch
Dupla basculante {LA206 + FM1058 + AB1107 + FM1012AD} 2014
alumínio e acrílico/aluminum and acrylic
ed única -- 80 x 80 x 3 cm



Lucia Koch
Dupla basculante {VM104 + VM104AD + VM105 + VM105AD} 2014
alumínio e acrílico/aluminum and acrylic
ed única -- 80 x 80 x 3 cm

Intervenções com filtros e telas, vídeos e fotografias são algumas das mídias que Lucia Koch escolheu para investigar questões de luz e espacialidade, em diálogo constante com a arquitetura. Ao criar estados alterados dos lugares nos quais interferem, seus trabalhos reorientam não apenas a percepção, mas também a compreensão do mundo construído.

Ela participou do projeto independente Arte Construtora, que ocupou casas, parques e uma ilha em diferentes cidades brasileiras (1992/1996). Desde então, Koch desenvolveu um interesse por espaços domésticos e a forma como estes se relacionam com a vida nas cidades. Seus trabalhos englobam diferentes contextos, como um banho turco na Bienal de Istambul (2003) ou uma área de venda de tecidos por atacado em Nagoya para a Trienal de Aichi (2010).

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da 11ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); e da 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003). Suas mais recentes mostras individuais são: *Duplas* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colômbia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); e *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011).

Interventions with filters and screens, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, in a constant dialogue with architecture. By altering the state of the places on which they interfere, her works reorient not only our perception, but the comprehension of the constructed world.

She participated in the Arte Construtora independent project, which occupied houses, parks, and an island in different Brazilian cities (1992/1996). Since then, Koch has pursued an interest in domestic spaces and how they relate to life in the city. Having works span different contexts such as a functioning Turkish bath for the Istanbul Biennial (2003) or a textile wholesale area in Nagoya, for the Aichi Triennale (2010).

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the 11th Sharjah Biennial, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th São Paulo Biennial, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent solo shows include: *Duplas* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colombia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); and *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011).



Marcelo Silveira **Só resta o cheiro** 2005
5000 vidros de perfume enumerados e estante de madeira/5000 perfume glasses and wooden shelf
dimensões variáveis/variable dimensions

Marcelo Silveira produz trabalhos com repercussões tanto no campo da escultura quanto dos objetos apropriados. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu. A acumulação é uma das suas estratégias favoritas: objetos remissivos de aparelhos domésticos descaradamente esvaziados de qualquer uso funcional, mas que parecem carregar significados; esferas feitas de vários materiais e tamanhos diversos, imóveis, como se esperassem algum evento anunciado; centenas de objetos de vidro (copos, garrafas ou meros cacos)... Esses objetos convergem nas grandes coleções e livros de artista de Marcelo Silveira. De fato, a idiossincrática organização do artista é fundamental para sua produção, permitindo, por meio de uma certa ordem, que o outro entre no seu trabalho.

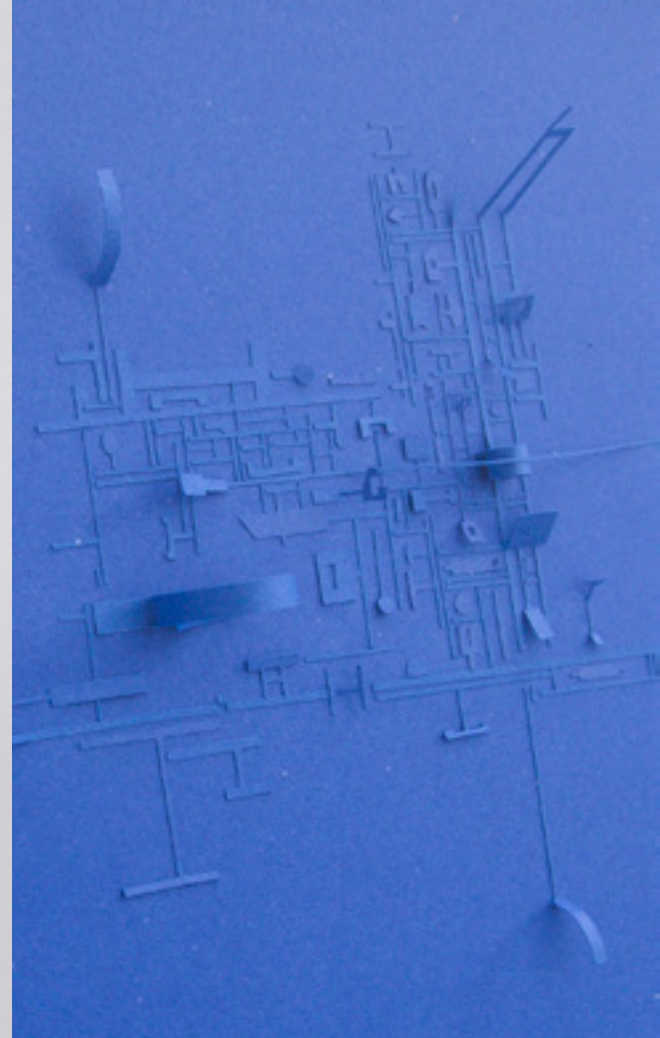
Armazém república (2004) é uma instalação composta de, no mínimo, dois segmentos distintos, que compartilham, com exceção do nome, a mesma estratégia de construção. Em um desses segmentos, uma centena de peças esculpidas em madeira são prendidas ao teto com faixas de couro, esperando por algum uso improvável. Em outro segmento, uma centena de objetos (copos, potes, espelhos, garrafas, vasos, lâmpadas e cacos quebrados) são organizados em prateleiras, formando um painel vertical e frágil contraposto pela horizontalidade opaca e robusta dos objetos de madeira pendurados acima.

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007); e da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

Marcelo Silveira produces works that resonate in both the field of sculpture and the field of appropriated objects. Expressing a local hybridity, his work occupies a place in between: half inside and half outside of the museum. Accumulation constitutes a favorite strategy of his: objects reminiscent of household appliances, blatantly stripped of any use, that yet seem to bear some meaning; spheres made out of various materials and in various sizes, motionless, as if awaiting some unannounced event; hundreds of glass objects (from drinking glasses to bottles to mere shards)... these and more can come together in Marcelo Silveira's large collections and artist's books. In fact, the artist's idiosyncratic way of organizing is tantamount to his practice, allowing, through a certain order, for another person to enter into the work.

Armazém república (2004), is an installation made up of two distinct segments, which share, apart from the name, the same construction strategy. In one of these segments, one hundred pieces sculpted in wood are tied to the ceiling with strips of leather waiting for some improbable use. In the other segment, hundreds of glass objects (cups, pots, mirrors, bottles, vases, lamps, and broken shards) are arranged on shelves, forming a vertical and fragile panel counterpoised with the opaque and robust horizontality of the wooden objects hanging above. Marcelo Silveira was born in 1962 in Gravatá, state of Pernambuco.

He lives and works in Recife. He featured in the 1st International Art Biennial of Buenos Aires, Argentina (2000); the 5th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil (2005); the 4th Valencia Biennial, Spain (2007), and the 29th São Paulo Biennial (2010).



Marco Maggi **Paper Drawing (blue monochrome diptych)** 2014
adesivo azul sobre papel/blue acid free stickers on two (blue) archival mats -- 28 x 43,18 cm (each)



Marco Maggi **Reynolds wrap (SP)** 2008
alumínio e rolo de papel alumínio (Reynolds)/etching needle, aluminium paper
5 x 30,4 x 5 cm

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive.

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova York e Montevideu. Participou da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Seus trabalhos integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Fine Arts Museum of San Francisco, San Francisco, EUA; e Daros Foundation, Zurique, Suíça; entre outros.

Marco Maggi representará o Uruguai na 56ª Bienal de Veneza.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live.

In a series entitled “*The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*,” Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediatized condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. The installations maintain the use of paper, but from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

Marco Maggi was born in 1957 in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. He featured in the 25th Bienal de São Paulo, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). His works are included in the collections of the MoMA, New York, USA; Whitney Museum of American Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; Museum of Fine Arts, Boston, USA; Fine Arts Museums of San Francisco, San Francisco, USA; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland; among others.

Marco Maggi will represent Uruguay at the 56th Venice Biennale.



Marcos Chaves **Todos nós** 2015
impressão digital, montagem em metacrilato/digital print, acrylic mount-face
ed 1/5 + 2 PA -- 225 x 173 cm

Marcos Chaves iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros do pastiche e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons. É frequente o registro de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou via pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries *Buracos* (1996–2008) e *Retratos* (2009).

Entre as apropriações fotográficas do artista, destaca-se a imagem de cartão postal do Rio de Janeiro com a expressão: “Eu só vendo a vista”. Com intervenções gramaticais sutis, a frase, dentro do seu contexto, está aberta a várias interpretações. Desde “eu, sozinho, vendo a vista”, “eu vendo apenas a vista”, “eu vendo apenas à vista” ou até “apenas a vista está à venda”. Assim, o artista transforma o onipresente e idealizado cartão postal no campo minado do autoexame nacional.

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Academia* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); e *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras.

Marcos Chaves began his artistic career in the early 1980s. Working within the field of pastiche and intervention, his oeuvre is characterized by the use of diverse media, moving freely between the production of objects, photographs, videos, drawings, words and sounds. Appropriating small elements or scenes from everyday life, Marcos Chaves attempts to document, directly or via small alterations, the extraordinary that inhabits the prosaic of daily life, as in the *Buracos* (1996–2008) and *Retratos* (2009) series.

Noted among the artist's photographic appropriations is the postcard image of Rio de Janeiro with the expression “Eu só vendo a vista.” With subtle grammatical interventions, the phrase, within this context, is open to many interpretations. From, “I, alone, see the view,” “I only sell the view,” “I only sell for cash” to even, “only the view is for sale,” the artist transforms the ubiquitous, idealizing postcard into a minefield of Brazilian self-examination.

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Academia* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); and *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th São Paulo Biennial (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others.



Melanie Smith **Fordlandia VI** 2014
esmalte acrílico sobre acrílico/acrylic enamel on acrylic -- 150 x 180 cm

Desde 1989, Melanie Smith vive e trabalha na Cidade do México, uma experiência que muito influencia a sua obra. Seu trabalho é caracterizado por uma certa releitura das categorias formais e estéticas dos movimentos de vanguarda e pós- vanguarda, problematizadas nos lugares e horizontes das heterotopias. Sua produção está intimamente ligada à visão expandida da noção de modernidade, estabelecendo paralelos com o seu significado na América Latina, particularmente no México, e lidando com as implicações nas suas próprias explorações formais, como um momento crítico na estrutura estético-política da modernidade e da modernidade tardia.

Seus primeiros trabalhos consideravam a Cidade do México em si, registrando suas multidões, sua violência, sua banalidade e sua natureza clandestina, bem como sua decomposição inerente. O trabalho mais extraordinário desse ciclo é o vídeo *Spiral city* (2002). Em outro trabalho, ela amplia as noções de lugar e não lugar documentando a pequena cidade de Parres nos arredores da capital. A artista produziu uma trilogia de filmes 35mm e uma série de pinturas e instalações que revisitam a ideia modernista do monocromático.

Melanie Smith nasceu em 1965, em Poole, Reino Unido, e radicou-se na Cidade do México, México. Participou da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); e da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Entre as exposições individuais de que participou recentemente estão: *Fordlandia* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Melanie Smith* (MK Gallery, Milton Keynes, Inglaterra, 2014); *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, EUA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colômbia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, México, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2012); *Short circuit* (Villa Merkel, Esslingen, Alemanha, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); e *Xilitla* (El Eco, Cidade do México, México, 2010). Seus trabalhos figuram em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: CIFO - Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA; Daros Latinamerica, Zurique, Suíça; Essl Museum, Klosterneuburg, Austria; Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Brumadinho, Brasil, entre outros.

Since 1989, Melanie Smith has lived and worked in Mexico City, an experience that has enormously influenced her works ever since. Her work has been characterized by a certain re-reading of the formal and aesthetic categories of avant-gardes and post-avant garde movements, problematized at the sites and within the horizons of heterotopias. Her production is intimately related to a certain expanded vision of the notion of modernity, maintaining a relationship both with what this means in Latin America, particularly in Mexico, and with the implication this has for her formal explorations as a critical moment in the aesthetic-political structure of modernity and late modernity.

Her earlier pieces considered Mexico City itself, recording its multitudes, its violence, its banality, and its clandestine nature and at the same time its inherent decomposition. The most outstanding piece from this cycle is the video *Spiralcity* (2002). In another of her works, she broadens the notions of place and non-place by documenting the small town of Parres on the outskirts of the city. She produced a trilogy of 35mm films and a series of paintings and installations that rework the modernist idea of the monochromatic.

Melanie Smith was born in 1965 in Poole, United Kingdom, and later moved to Mexico City, Mexico. She participated in the 54th Venice Biennale, in Italy (2011); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent solo shows of the artist include: *Fordlandia* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Melanie Smith* (MK Gallery, Milton Keynes, UK, 2014); *Melanie Smith* (Contemporary Art Museum Houston, Houston, USA, 2014); *Xilitla* (FLORA ars+natura, Bogotá, Colombia, 2013); *Irretratabilidad, ilegibilidad, inestabilidad* (Museo Amparo, Puebla, Mexico, 2013); *Melanie Smith* (Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil, 2012); *Short circuit*, Villa Merkel, Esslingen, Germany, 2012); *Bulto* (Museo de Arte de Lima, Peru, 2011); and *Xilitla* (El Eco, Mexico D.F., Mexico, 2010). Her works are represented in museum and private collections throughout the world, including CIFO - Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA; Daros Latinamerica, Zürich, Switzerland; Essl Museum, Klosterneuburg, Austria; Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Brumadinho, Brazil, among others.



Milton Machado **Edifício Galaxie (sobre a mobilidade)** 1975 / 2002
fotografia, videotape, texto/photograph, videotape, text ed 1/5
30 x 40 cm cada/each (62 x 164 cm instaladas/installed) / 1'30" em loop/in loop

Nos seus primeiros trabalhos, a maioria desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, de fato, eram fictícios e inviáveis.

Nas décadas seguintes, ele progressivamente aumentou a escala dos seus trabalhos e expandiu a diversidade dos gêneros que utiliza, vindo a incluir objetos, esculturas, vídeos, fotografias e grandes instalações. Entretanto, nunca deixou de explorar a tensão gerada pelos questionamentos artísticos dos modelos de conhecimento científico. Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política, etc. Evitando conexões explícitas, ele usa crítica e humor misturados a um profundo tom de ironia e desilusão para criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série em andamento há 30 anos, História do futuro: uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

Milton Machado nasceu em 1947, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou das 10ª, 19ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo (1969, 1987 e 2010) e da 7ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2009). Seu trabalho integra coleções públicas como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; LP Morgan Chase Manhattan Bank, Brasil; MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte de Belo Horizonte, Belo Horizonte, Brasil; University of Essex, Essex, Inglaterra; Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Cívico di Arte Contemporanea, Gibellina, Itália; e da Daros Foundation, Zurique, Suíça.

In his early works, mostly drawings made during the dictatorship period, Milton Machado used his background in architecture to create seemingly logical projects and narrative drafts that were actually fictional and unfeasible.

In the decades that followed, he has progressively increased the scale and expanded the diversity of the genres he uses, coming to include objects, sculpture, video, photography, and large installations to explore the tension brought about by artistic inquiries into the models of scientific knowledge. With his interventions, Milton Machado either creates or evidences relationships that are surprising and revealing, bridging the gap between theoretically separate fields: the industrial and the artistic; the architectural and the pictorial; family and politics, etc. Avoiding explicit connections, he uses critique and humor, intermixed with a deep-seated tone of irony and disillusionment to create confabulated visual narratives. Noted among his oeuvre is the 30 year and still ongoing series História do futuro: an urban tale meshing critical theory, architecture, and urban planning to discuss the dynamic and unpredictable movements of life and death of a fictional city.

Milton Machado was born in 1947 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 10th, 19th, and 29th editions of the São Paulo Biennial (1969, 1987, and 2010) and the 7th Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2009), all in Brazil. His works are housed in public collections such as that of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil; LP Morgan Chase Manhattan Bank, Brazil; MAR - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte de Belo Horizonte, Belo Horizonte, Brazil; University of Essex, Essex, England; Museo de Arte de Lima, Lima, Peru; Museo Cívico di Arte Contemporanea, Gibellina, Italy; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland.



Oscar Oiwa **Waves** 2011
óleo sobre tela/oil on canvas -- 227 x 333 cm

Brasileiro de pais japoneses, o artista nasceu em São Paulo, mas mudou-se para Tóquio um pouco antes de a bolha econômica estourar. Mudou-se então para Londres, onde passou um ano, e finalmente, em 2002, quando recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim, transferiu-se para Nova York, onde vive e trabalha atualmente.

Explorando a hibrididade entre tecnologia e natureza, ele evoca a tradição do folclore para dar voz ao parentesco entre o que é orgânico e o que é mecânico. Fortemente interessado na ideia de colapsos, de mundos à beira da destruição, tanto por entropia interior quanto por força exterior, suas pinturas são exercícios do pensamento surrealista, do sublime e, paradoxalmente, do mundano. Seus trabalhos são inspirados em acontecimentos atuais. Ele é considerado um dos artistas mais brilhantes em registrar os impactos da globalização. Contando com uma experiência técnica considerável, Oiwa pinta imagens de ruínas para criar grandes painéis de paisagens a óleo. Seu estilo representacional é casual e traz influências da arte japonesa.

Oscar Oiwa nasceu em São Paulo (1965). Vive e trabalha em Nova York. Em 1995, recebeu o prêmio de residência artística do Delfina Studio Trust, em Londres, assim como prêmios de instituições como Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council e John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Seus trabalhos foram exibidos em São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio, Nova York, Pequim, Hong Kong, Paris, Barcelona, entre outras localidades. Participou da 21ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1991). Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas, como a do National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão; Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão; Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA; e Prince Albert II of Monaco Foundation, Mônaco.

Born in Brazil to Japanese parents, the artist is a native of São Paulo but moved to Tokyo, arriving just as the bubble economy burst, then London, where he spent a year, and finally, in 2002, after being awarded the Guggenheim Fellowship, relocated to New York where he currently lives and works.

Exploring the hybridity of technology and nature, he evokes the tradition of folklore to give voice to the kinship between what is organic and what is mechanical. Heavily interested in the idea of collapse, of worlds at brink of destruction, either by an interior entropy or an outside force, his paintings are exercises of surrealist thought, the sublime, and, paradoxically, of the mundane. He draws inspiration for his works from current events and is deemed as one of the most accomplished artists to record the impact of globalization. With considerable technical expertise, Oiwa paints images of ruins to produce large multi-paneled oil paintings of landscapes. His representational style is casual and shows influences from Japanese art.

Oscar Oiwa was born in 1965 in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York. He received the artist in residence award from The Delfina Studio Trust, London in 1995; in addition to grants from the Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council and John Simon Guggenheim Memorial Foundation. He has showed his works in São Paulo, Rio de Janeiro, Tokyo, New York, Beijing, Hong Kong, Paris, Barcelona, among other places. He participated of the 21st São Paulo Biennial (1991). His works are housed in public institutions such as the National Museum of Modern Art, Tokyo, Japan; Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japan; Phoenix Art Museum, Phoenix, USA; and Prince Albert II of Monaco Foundation, Monaco.



Paulo Bruscky sem título/untitled 1994
colagem e carimbo sobre envelope/collage and stamp on envelope
ed 1/1 -- 26,5 x 34,5 cm

Com uma trajetória artística que engloba quatro décadas, Bruscky nunca parou de experimentar e inovar: empregou fotocopiadoras e máquinas heliográficas, além de selos e carimbos postais. O artista usou também equipamentos médicos do Hospital Agamenon Magalhães, onde trabalhou vários anos, nas suas criações encefalográficas, compondo a série *O meu cérebro desenha assim* (1976), recentemente adquirida pelo MoMA.

Participou de várias mostras de Arte Correio no mundo todo; organizou a primeira mostra de Arte Correio (1976, fechada pela Polícia) e a primeira mostra de Street Art (1981) no Brasil, ambas em Recife; produziu trabalhos sonoros, entre eles *Ra(u)dio Arte Show*, transmitido ao vivo por uma estação de rádio local; e concebeu vários projetos utópicos (entre eles, vários não realizados), tais como *Presépio Urbano* (1987), que pretendia transformar a cidade de Recife em uma única decoração de luz natalina. Após receber o Guggenheim Fellowship, em 1982, Bruscky passou um ano em Nova York, onde, em colaboração com a Xerox, desenvolveu as bases da sua xerox-arte.

Paulo Bruscky nasceu em 1949, em Recife, onde reside e produz. Participou das 16ª, 20ª, 26ª e 29ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1981, 1989, 2004 e 2010); da 10ª Bienal de Havana, Cuba (2009), entre outras bienais. Suas mais recentes mostras solo são: *Paulo Bruscky* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2014); *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970-2013* (The Mistake Room, Los Angeles, EUA, 2015; Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Art is our last hope* (The Bronx Museum, Nova York, EUA, 2013); *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colômbia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); e *Arte correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brasil, 2011). Obras suas integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Tate Gallery, Londres, Inglaterra; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Espanha; Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda; entre outros.

A career spanning more than four decades, Bruscky never ceased to experiment and innovate: employing photocopiers, blueprint machines, besides stamps and postmark devices; he utilized medical equipment from the Agamenon Magalhães Hospital, where the artist worked for several years, producing encephalographic works such as the series *O meu cérebro desenha assim* (1976), recently acquired by MoMA in 2013.

He organized the first Mail Art exhibit (1976, closed by the police) and the first Street Art exhibition (1981) in Brazil, both of them in Recife. He also created sound works, among them a *Ra(u)dio Art Show*, which was broadcast live on a mainstream radio station, conceived various utopian projects (many to this day unrealized), such as *Presépio Urbano* (1987) that sought to transform the city of Recife into a single Christmas light ornament. Recipient of the Guggenheim Fellowship in 1982, Bruscky lived in New York for one year where, in collaboration with Xerox, developed the foundations for his xerox-art.

Paulo Bruscky was born in 1949 in Recife, where he lives and works. He featured in the 16th, 20th, 26th, and 29th editions of the São Paulo Biennial (1981, 1989, 2004 and 2010); the 10th Havana Biennial, Cuba (2009), among other biennials. Recent solo shows include: *Paulo Bruscky* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2014); *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970-2013* (The Mistake Room, Los Angeles, USA, 2015; Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Art is our last hope* (The Bronx Museum, New York, USA, 2013); *Paulo Bruscky* (Plataforma Bogotá, Bogotá, Colombia, 2013); *Banco de ideias* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); and *Arte correio* (Centro Cultural dos Correios, Recife, Brazil, 2011). His works are included in the collections of: MoMA, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Tate Gallery, London, England; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Barcelona, Spain; Stedelijk Museum, Amsterdam, Holland; among others.



Raul Mourão **Chapa Quente 2** 2015
aço corten/weathering steel - ed unique
71 x 25 x 16 cm

Raul Mourão **Chapa Quente 1** 2015
aço corten/weathering steel ed unique
76 x 22,5 x 16 cm



Raul Mourão **Árvore pequena # 2** 2014
aço corten/weathering steel ed única/unique ed
154 x 142 x 28 cm



Inspirado pela paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro, Raul Mourão combina fragmentos de construção urbana com formas abstratas para criar suas esculturas móveis, desenhos, vídeos e performances. Usando como ponto de partida desenhos meticulosos, aparentemente arquitetônicos, ele cria esculturas e montagens abstratas e minimalistas que enfatizam a tensão entre o caos bruto da cidade e sua geometria controlada, incorporando, na sua biblioteca de referências, cercas de metal, sistemas de segurança e objetos remissivos de carrinhos e bancas de mercado. Desde 2010, o artista trabalha com esculturas cinéticas compostas por formas geométricas simples e reduções estruturais de formas modulares. Em muitos aspectos, sua nova produção combina a violência implícita dos seus trabalhos anteriores com uma preocupação formalista com o equilíbrio das formas.

Raul Mourão nasceu em 1967, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Recentemente realizou exposições individuais como: *MOTO* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Tração animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012); *Toque devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); e *Chão, parede e gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil, 2011).

Inspired by his urban surroundings of the city of Rio de Janeiro, Raul Mourão combines fragments of urban construction and abstract forms in his mobile sculptures, drawings, videos, and performances. Using meticulous, seemingly architectural drawings as his starting point, he creates minimalist abstract sculptures and assemblages that focus on the tension between the raw chaos of the city and its controlled geometry, incorporating in his reference library, metal railings, security systems, fences, and objects reminiscent of trolleys and stalls. Since 2010, the artist has been working on kinetic sculptures ruled by simple geometric forms and structural reduction made of modular forms. In many ways, his new production combines the violence implicit in his previous works with a formalist preoccupation with the balance of forms.

Raul Mourão was born in 1967 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *MOTO* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Tração animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012); *Toque devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); and *Chão, parede e gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brazil, 2011).



René Francisco **Ven y dame una mano** 2014
lápiz, tubo de pasta de dente, metal/pencil, toothpaste tube, metal
200 x 300 cm

René Francisco Rodríguez, nascido em 1960, em Holguín, Cuba.

Um dos expoentes da arte contemporânea em seu país, René Francisco estudou na Escuela Nacional de Arte e no Instituto Superior de Arte (ISA), em Havana. Com projeção internacional, e uma reconhecida atividade como professor, participou da 26ª Bienal de São Paulo, em 2004, da Bienal de Veneza, em 1999 e 2007, da Segunda Bienal de Arte Contemporânea de Tessalônica, Grécia, em 2009, e de duas edições da Bienal de Havana, em 1997 e 2000.

Recipiente do prêmio UNESCO na Bienal de Havana de 2000, foi também nomeado doutor honorário de Artes Visuais pela San Francisco Art Institute em 2001.

René Francisco Rodríguez was born in Holguín, Cuba in 1960.

René Francisco studied at Havana's Escuela Nacional de Arte and Instituto Superior de Arte in the 1980s. He has exhibited in both solo and group shows in the United States, Central and South America, and Europe, and in biennials such as the 26th Bienal de São Paulo in 2004, the Venice Biennale in 1999 and 2007, the 2nd Thessaloniki Biennial (2009) and two editions of the Havana Biennial (1997 and 2000).

The artist is also the recipient of the Premio UNESCO during the 2000 Bienal de la Habana and recipient of an honorary doctorate of Fine Art from the San Francisco Art Institute in 2001.



Rodolpho Parigi **Volumens # 1** 2015
óleo sobre tela/oil on canvas -- 193 x 268 cm
detalhe/detail

Três momentos específicos mapeiam a produção de Rodolpho Parigi. Pinturas que tinham a geometria e a cor como base para criar um explosão e fragmentação da pintura. Desenhos de anatomia inventada misturando realidade e ficção na construção da imagem. E ambientações para as performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte.

Essas correntes, embora díspares, emergem de um impulso similar: um interesse profundo e uma fascinação pelo excesso do corpo, por suas representações anatômicas e pela imaginação pornográfica que o corpo instiga e multiplica no inconsciente coletivo. O corpo, na obra do artista, não é reproduzido precisamente, mas engolido e regurgitado como algo "corporal", existindo verdadeiramente apenas na dimensão e nas limitações da superfície das suas escolhas. Trata-se de um campo de proposição para a ativação do corpo. É esse o caso de seu alter ego Fancy Violence, onde a performance aparece como elemento central em sua produção atual, lidando com o corpo em um espaço criado no qual abriga e dialoga com suas apresentações.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Three specific moments map the production of Rodolpho Parigi. Paintings that possessed the explosive surfaces of abstract forms. Large anatomy drawings of invented anatomy, mixing reality and fiction in the construction of the image. And ambiances for the performances that cross queer and identity theory with the construction of the history of art.

These currents, albeit disparate, arise from a similar pulse: the artist's profound interest and fascination with the excess of the body, its anatomical renderings, and the pornographic imagination the latter instigates and proliferates within the collective unconscious. In the works of the artist, the body is not reproduced precisely, rather, it is engulfed and regurgitated back into something akin to what is "bodily" – an entity that only truly exists in the dimension and limitations of his surface of choice. It concerns, in specific, a propositional field for the activation of the body. Such is the case of his alter ego Fancy Violence. With "Fancy" performance emerges as a central element in his current production where the body is dealt within a constructed ambience, appropriate and appropriating space for her seductive/surreptitious apparitions.

Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.



Sergio Sister sem título/untitled 2004
óleo sobre papel kozo/oil on kozo paper
86 x 74 cm

Como representante da Geração 80, Sérgio Sister revisita um tema antigo na pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade em uma tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marca a sua produção é uma sobreposição de camadas cromáticas, fazendo com que diferentes campos de cor coexistam em harmonia, lado ao lado, conservando, ao mesmo tempo, sua autonomia.

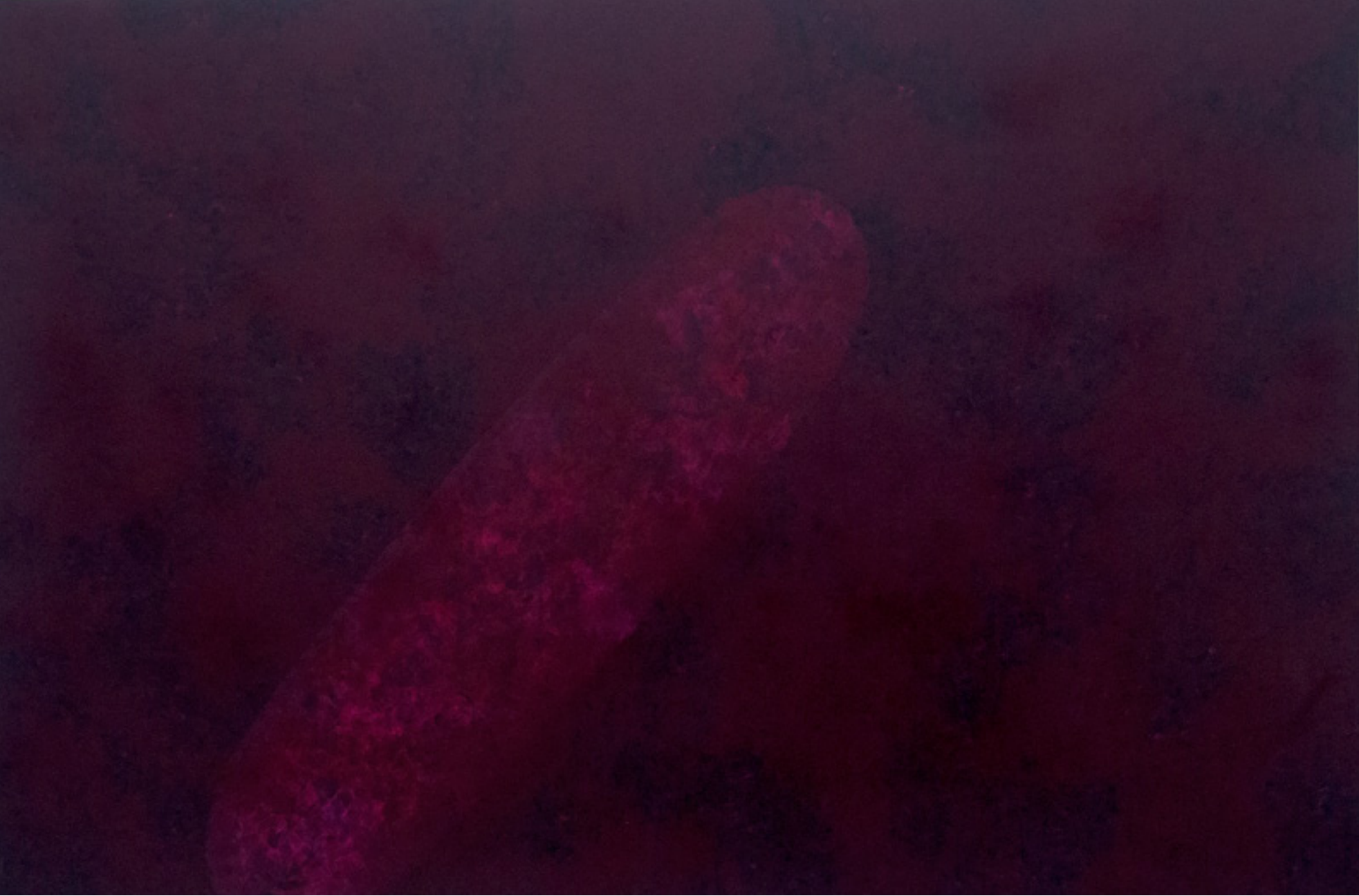
Em 2009, o artista começou a criar Caixas (2009-), uma série de pinturas em caixotes de madeira semelhantes a caixas de frutas encontradas em feiras. Medindo 38 x 32 cm, com faixas de vários tamanhos, elas sintetizam as motivações do artista: luminosidade, função e afeto. Caixas, gradualmente, deu espaço para outros trabalhos, como Ripas (2009-) e Pontaletes (2010-) e, mais recentemente, Tijolinhos (2013-). Penduradas nas paredes da galeria, as obras de Sister parecem pertencer a algo deste mundo, mas ao mesmo tempo fora dele, como pequenos gestos poéticos: uma evidência artística de que o mundo, quando examinado cuidadosamente, esconde uma felicidade simples.

Sérgio Sister nasceu em 1948, em São Paulo, onde reside e trabalha. Participou das 9ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1967, 2002). Entre suas exposições individuais recentes estão: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brasil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Suas obras fazem parte de acervos como Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; Coleção Itaú, São Paulo, Brasil; Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

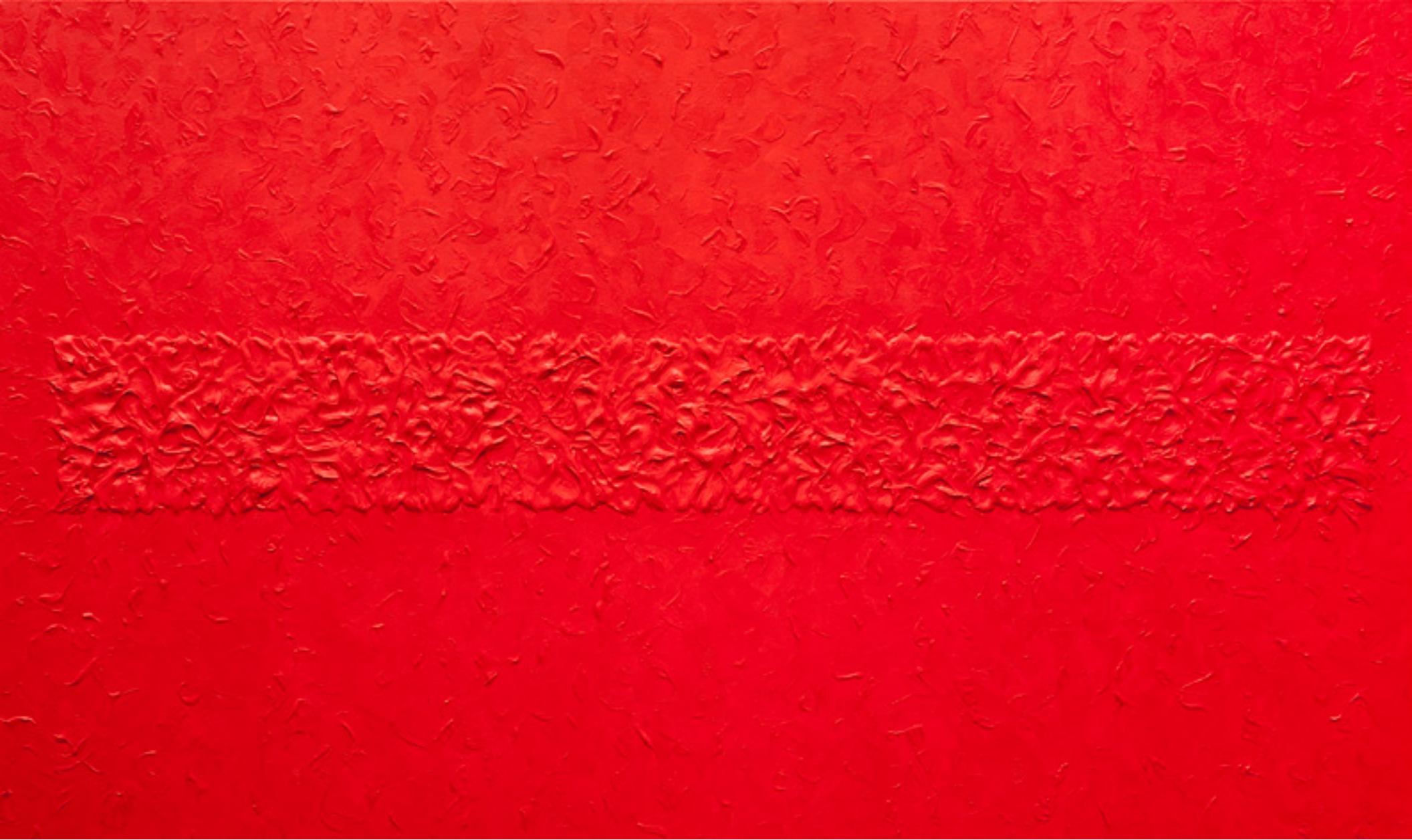
Representative of the Geração 80, Sérgio Sister revisits an ancient theme in painting: the interplay between surface and three-dimensionality, in an attempt to liberate painting in space. What marks his production is a superimposition of chromatic layers, causing distinct fields of colors to coexist harmoniously side by side while preserving its autonomy.

In 2009, the artist started making Caixas (2009-), paintings on wooden crates akin to fruit boxes found in open markets. Measuring 38 x 32 cm, with bands of various widths, they carry a synthesis of the artist's preoccupation: luminosity, feature, and affection. Caixas gradually gave way to other works such as Ripas (2009-), the larger Pontaletes (2010-), and most recently, Tijolinhos (2013-). Hung on the gallery wall space, they seem to belong to something that can be found in this world but simultaneously removed from it, acting like small poetic gestures; an artistic proof that the world, when carefully scrutinized hides a simple happiness.

Sérgio Sister was born in 1948, in São Paulo, where he lives and works. He featured in the 9th and 25th editions of the São Paulo Biennial, Brazil (1967, 2002). Recent solo shows include: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brazil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). His works are included in the collections of Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; Coleção Itaú, São Paulo, Brazil; Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil.



Tomie Ohtake sem título/untitled 2004
acrílica sobre tela/acrylic on canvas -- 200 x 300 cm



Tomie Ohtake sem título/untitled 2014
acrílica sobre tela/acrylic on canvas -- 150 x 250 cm

Uma aparentemente paradoxal relação entre silêncio e ritmo permeia os trabalhos de Tomie Ohtake desde a década de 1960, quando a artista se firma na arte abstrata, notadamente pinturas e esculturas, além de trabalhos sobre papel. Poucos elementos habitam as planícies de suas obras, muito concisas e de metódica fluidez, imagens que flertam com as formas sinuosas e sensuais da tradição japonesa.

A pesquisa constante de cor, textura, forma e transparência revela-se em todas as suas fases de produção e nos diversos expedientes técnicos adotados — da tinta rarefeita à mais volumosa, da paleta sóbria aos contrapontos de cores saturadas e vibrantes. Nota-se, alternada ou simultaneamente, a influência do suprematismo, da abstração caligráfica, do anamórfico — facetas que não negam que Tomie mantém relações com a tradição, mas que desenham um trajeto original de criações atemporais e sensíveis, fluidas. Suas esculturas levam ao campo tridimensional as mesmas questões que a artista confronta em duas dimensões — surgem como manifestos de caligrafias táteis, traços de dança plasmados no espaço, nos quais forma e cor têm importância. Uma peculiar comunicação do indecifrável revela a contemporaneidade de seu trabalho — ele contém algo de inefável, mas produz uma imediata sensação de cumplicidade visual e sinestésica.

Tomie Ohtake (n. 1913, kyoto, jp - 2015, são paulo, br). Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras.

A seemingly paradoxical relationship between silence and rhythm has permeated the works of Tomie Ohtake since the 1960s, when the artist became established in abstract art, notably paintings, sculptures, and works on paper. A few elements inhabit the spaces of her artwork, very concise and endowed with a methodical fluidity, images that flirt with the winding, sensual shapes of Japanese tradition.

A constant research into color, texture, form, and transparency is revealed in all stages of her production and the various procedures she uses—from thin to thicker paint, from a sober palette to counterpoints of saturated, vibrant colors. One notes either alternating or simultaneous influences of suprematism, calligraphic abstraction, the anamorphic—facets which do not deny Ohtake's relations with tradition, while also outlining an original trajectory of timeless, sensitive, fluid creations. Her sculptures bring into the three-dimensional field the very issues she confronts in two dimensions—they emerge as manifestos of tactile calligraphies, dance moves turned to plasma into space, in which shape and color are important. A peculiar communication of the undecipherable reveals the contemporary character of her work—it contains something ineffable, while giving off an immediate sensation of visual and synesthetic complicity.

Tomie Ohtake (1913, kyoto, jp - 2015, são paulo, br). She has featured in several biennials, such as the São Paulo Biennial, Brazil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998, and 2003); XI Venice Biennale, Italy (1972); 1st and 2nd editions of the Latin American Biennial in Havana, Cuba (1984, 1986), among others.



Vik Muniz **Postcards from Nowhere: São Paulo** 2014 -- c-print digital/digital c print ed 1/6 -- 180 x 245 cm



Vik Muniz Pictures of Pigment: Map of the world, after Boetti 2009 -- c-print digital/digital c print ed 6/6 -- 180 x 240 cm



Vik Muniz
Pictures of Diamonds: Marilyn Monroe 2004
c-print digital/digital c print ed AP 1/4 -- 100 x 76 cm

Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Individuais recentes incluem: *Album* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Long Museum, Shanghai, China, 2014; Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, EUA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

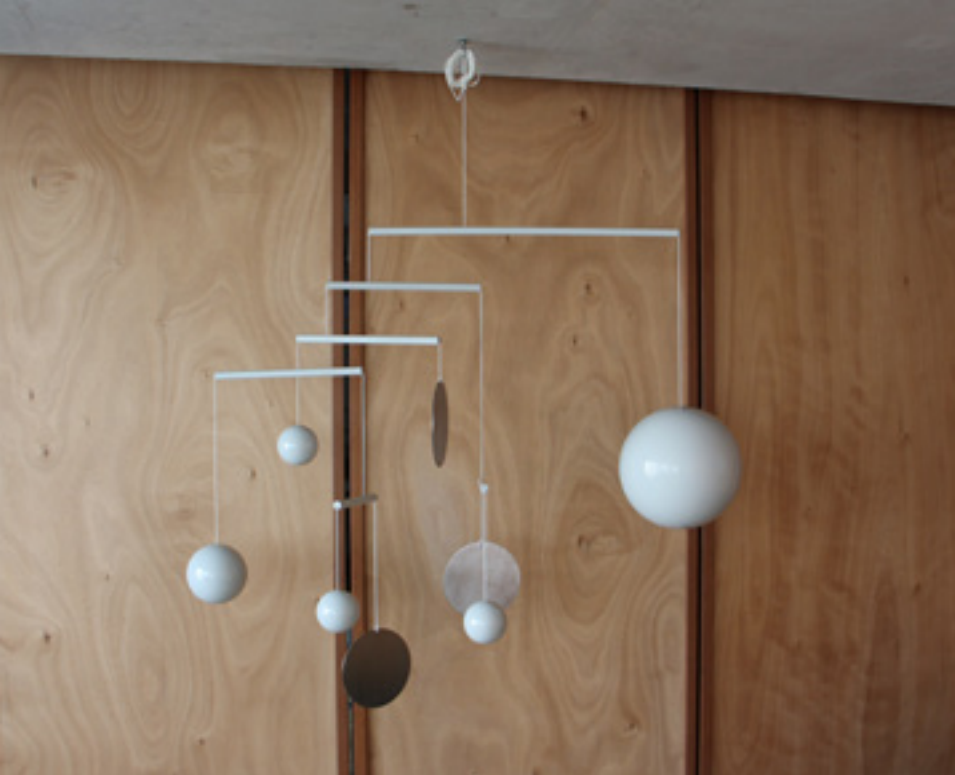
Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: Vik Muniz, na House of Photography, Pictures of People, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; Vik Muniz, no Irish Museum of Contemporary Art, em Dublin; Vik Muniz, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; Vik Muniz, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: *The Things Themselves: Pictures of Dirt*, no Whitney Museum of American Art, em Nova York; Vik Muniz, no Tang Teaching Museum and Art Gallery, em Nova York; *Clayton Days*, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e *Ver é Crer*, no International Center of Photography, em Nova York.

Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*, do MoMA de Nova York. Além disso, Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Whitney Museum of American Art, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal Media/Metaphor, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA. Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais que incluem: The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA; Museum of Contemporary Art of Los Angeles, Los Angeles, EUA; J. Paul Getty Museum, Nova York, EUA; Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA; MoMA, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; e Victoria and Albert Museum, Londres, Inglaterra; entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em *Waste Land*, documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Em 2011, Muniz foi nomeado Good Will Ambassador pela UNESCO.

Vik Muniz was born in 1961, in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. Recent solo exhibitions include: *Album* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Long Museum, Shanghai, PRC, 2014; Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, USA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Other international solo exhibitions in recent years are: Vik Muniz at the House of Photography, Pictures of People, at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; Vik Muniz, at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; Vik Muniz at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; Vik Muniz at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, in Rio de Janeiro and the Museu de Arte Moderna de São Paulo. In the USA major solo exhibitions include: *The Things Themselves: Pictures of Dirt* at the Whitney Museum of American Art in New York; Vik Muniz at The Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; *Clayton Days* at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and *Seeing is Believing* at the International Center of Photography in New York.

In December 2008 Vik was the guest artist in the MoMA exhibition series *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*. Vik was also a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and The 46th Corcoran Biennial Exhibition, *Media/Metaphor* at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C. His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Chicago, USA; Los Angeles Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA; The J. Paul Getty Museum, New York, USA; the Metropolitan Museum of Art, New York, USA; MoMA, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Victoria and Albert Museum, London, UK; among many others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in *Waste Land*, a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.



Xavier Veilhan **Mobile nº2**
carbono, resina de poliéster, polipropileno, aço inoxidável, tinta de poliuretano/
carbon, polyester resin, polypropylene, stainless steel, polyurethane paint
ed 1/1 -- 120 x 137 cm

Desde meados dos anos 1980, o artista francês Xavier Veilhan (nascido em 1963, vive e trabalha em Paris) produz obras definidas pelo seu interesse, tanto no linguagem da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana, etc.) e da escultura clássica, ao qual dá sua própria reinterpretação contemporânea. Utilizando-se de uma grande variedade de materiais e técnicas para produzir retratos tridimensionais e paisagens, cria bestiários e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário. Para Xavier, a arte é “uma ferramenta de visão através do qual devemos adentrar para que possamos entender o passado, presente e futuro”. Suas exposições e intervenções in situ em cidades, jardins e casas questionam a nossa percepção do espaço, através da criação de um sítio ambulante, em constante evolução no qual o público torna-se participante ativo. Ao combinar escultura, cenário, música e performance, o artista produz uma obra-exposição, revelando uma estética contínua entre as formas e o contorno, convidando o espectador a uma nova leitura do espaço pelo repertório de signos; o teatro de uma sociedade.

Xavier Veilhan é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: National Museum of Contemporary Art, Coreia do Sul; Seonhwa Art @ Culture Foundation, Seoul, Coreia do Sul; Foundation for Contemporary Art Viktor Pinchuk, Kiev, Ucrânia; Musée d'Art Contemporain de Montreal, Canada; Samuel P. Harn Museum of Art, Gainesville, Florida, EUA; Henry Art Gallery, University of Washington, Seattle, EUA; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Genève (MAMCO), Suíça; Cercle des Estampes, Genève, Suíça; Europaisches Patentamt, Munchen, Alemanha; Musée National d'Art Moderne, Paris, França; Fonds National d'Art Contemporain, Paris, França; Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, França; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Strasbourg, França; Centre d'Art Contemporain, Brétigny-sur-Orge, França; Fonds Municipal d'Art Contemporain, Paris, França, entre outros.

Since the mid-1980s, French artist Xavier Veilhan (born in 1963, living in Paris) has created an acclaimed body of works defined by his interest in both the vocabulary of modernity (speed, motion, urban life, etc.) and classical statuary, to which he has given his own contemporary reinterpretation. He uses a large array of materials and techniques to produce three-dimensional portraits and landscapes, bestiary and architectures that always oscillate between the familiar and the extraordinary. For Xavier Veilhan, art is “a vision tool through which we must look in order to understand our past, present, and future”. His exhibitions and in-situ interventions in cities, gardens and houses question our perception by creating an evolving ambulatory space in which the audience becomes an active participant (Veilhan Versailles, 2009; Veilhan at Hatfield: Promenade, 2012; the Architectones series, 2012-2014). By associating sculpture, scenery, music and living figures, he creates works to create exhibitions. Their aesthetics reveal a continuum of form, contour, fixity and dynamics, that invite the spectator to a new reading of the space and so creating a whole repertory of signs, the theatre of a society.

Xavier Veilhan is represented in museum and private collections throughout the world, including: National Museum of Contemporary Art, Korea; Seonhwa Art @ Culture Foundation, Seoul, Korea; Foundation for Contemporary Art Viktor Pinchuk, Kiev, Ukraine; Musée d'Art Contemporain de Montreal, Canada; Samuel P. Harn Museum of Art, Gainesville, Florida, USA; Henry Art Gallery, University of Washington, Seattle, USA; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Genève (MAMCO), Switzerland; Cercle des Estampes, Genève, Switzerland; Europaisches Patentamt, Munchen, Germany; Musée National d'Art Moderne, Paris, France; Fonds National d'Art Contemporain, Paris, France; Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, France; Musée d'Art Moderne et Contemporain, Strasbourg, France; Centre d'Art Contemporain, Brétigny-sur-Orge, France; Fonds Municipal d'Art Contemporain, Paris, France, among others.

